



2

MIGRAÇÃO E MIGRANTES: PANORAMA MUNDIAL

Apresentação

Na maioria das discussões sobre migração, em geral, o ponto de partida são os números. Compreender as mudanças de escala, as tendências emergentes e os dados demográficos variáveis relacionados às transformações sociais e econômicas globais, como a migração, nos ajuda a entender o mundo dinâmico em que vivemos e planejar o futuro. A estimativa global atual é de que havia cerca de 272 milhões de migrantes internacionais no mundo em 2019, o que equivale a 3,5% da população global.¹ Um primeiro ponto importante a ser observado é que essa é uma minoria muito pequena da população mundial, o que significa que permanecer no país de nascimento de uma pessoa continua sendo predominantemente a norma. A grande maioria das pessoas não migra através das fronteiras; um número muito maior de pessoas migra dentro dos países (cerca de 740 milhões de migrantes internos em 2009).² Dito isso, o aumento de migrantes internacionais ficou evidente ao longo do tempo - tanto numérica quanto proporcionalmente - e a uma taxa um pouco mais rápida do que o previsto anteriormente.³

A esmagadora maioria das pessoas migra internacionalmente por razões relacionadas ao trabalho, família e estudo - o que envolve processos de migração que ocorrem em grande parte sem desafiar fundamentalmente os migrantes ou os países em que entram. Por outro lado, outras pessoas deixam as suas casas e países por uma série de razões convincentes e às vezes trágicas, como conflitos, perseguições e desastres. Enquanto as pessoas que foram deslocadas, como as refugiadas e deslocadas internas, representam uma porcentagem relativamente pequena de todos os migrantes, em geral são as que mais precisam de assistência e apoio.

Este capítulo, com foco nos principais dados e tendências globais da migração, procura ajudar os formuladores de políticas, profissionais e pesquisadores da migração a entender melhor o panorama geral da migração, dando uma visão geral das informações sobre migração e migrantes. O capítulo se baseia em fontes estatísticas atuais compiladas pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (DAES das Nações Unidas), a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o Banco Mundial, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), o Centro Interno de Monitoramento de Deslocamentos (IDMC) e a Organização Internacional para as Migrações (OIM).⁴ O capítulo oferece uma visão geral dos dados e tendências globais sobre migrantes internacionais (populações) e migração internacional (fluxos). Também abre uma discussão de grupos de migrantes específicos - ou seja, trabalhadores migrantes, refugiados, requerentes de asilo, deslocados internos e desaparecidos -, assim como de apátridas e remessas.

1 Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DAES das Nações Unidas), 2019a.

2 Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), 2009.

3 Ver, por exemplo, o Relatório Mundial sobre Migração 2003 da OIM (OIM, 2003), que se baseou nos dados de população das Nações Unidas (2002) e dados de migração (OIM, 2000).

4 De acordo com o escopo deste relatório, as estatísticas utilizadas neste capítulo estavam atualizadas em 30 de junho de 2019, exceto dados internacionais sobre ações de migrantes que foram incorporados ao capítulo após o lançamento da revisão de 2019 pelo DAES das Nações Unidas em 17 de setembro de 2019.

O capítulo também se refere ao crescente *corpus* de dados programáticos da OIM, em particular sobre retornos voluntários assistidos e reintegração, reassentamento, rastreamento de deslocamentos e vítimas de tráfico de pessoas. Embora estes dados em geral não sejam globais ou representativos, eles podem dar informações sobre as mudanças que ocorreram em operações e programação relevantes no nível global. Como agência de migração das Nações Unidas, com atividades relevantes para todos os temas discutidos neste capítulo, os dados da OIM têm a capacidade de dar mais informações sobre a migração e as suas diversas dinâmicas, incluindo as diversas necessidades dos migrantes.

Este capítulo destaca alguns dos desafios associados à coleta e às definições de dados que dificultam uma análise abrangente das tendências de migração em nível global.⁵ Isso também continua sendo um problema para muitos Estados que tentam analisar as tendências de migração em seus próprios países ou regiões, conforme refletido no Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular, com ênfase na coleta de dados para políticas baseadas em evidências (objetivo 1 do Pacto Global - veja a discussão no capítulo 11 deste relatório). Os esforços contínuos para coletar e melhorar as estatísticas de migração levaram a uma expansão nos dados disponíveis; no entanto, a necessidade de capacidade técnica adicional é um obstáculo que ainda precisa ser superado, à medida que a comunidade internacional trabalha para desenvolver um quadro global mais abrangente dos principais aspectos da migração. Da mesma forma, a definição de migração e migrantes é complexa, conforme discutido na caixa de texto abaixo.

Definição de migração, migrante e outros termos-chaves

Fora das definições gerais de migração e migrante, como as encontradas nos dicionários, existem várias definições específicas dos principais termos relacionados à migração, inclusive nas esferas jurídica, administrativa, de pesquisa e estatística.^a Não há uma definição universalmente aceita de migração ou migrante, no entanto, várias definições são amplamente aceitas e foram desenvolvidas em diferentes contextos, como as estabelecidas nas Recomendações de Estatística da Migração Internacional do DAES das Nações Unidas de 1998.^b

As definições técnicas, conceitos e categorias de migrantes e migração são necessariamente informados por fatores geográficos, legais, políticos, metodológicos, temporais e outros. Por exemplo, existem inúmeras maneiras pelas quais os eventos de migração podem ser definidos, inclusive em relação ao local de nascimento, cidadania, local de residência e duração da estadia.^c Isso é importante quando se trata de quantificar e analisar os efeitos da migração e dos migrantes (conforme definido). Incentivamos os leitores a consultar as fontes principais citadas no capítulo para obter informações sobre definições e categorizações específicas subjacentes aos dados. Os leitores também podem encontrar no Glossário da Migração da OIM (edição 2019) uma referência útil^d

a Ver, por exemplo, Poulain e Perrin, 2001.

b DAES das Nações Unidas, 1998.

c Ver, por exemplo, de Beer et al., 2010.

d OIM, 2019b.

5 Em geral, notas explicativas, ressalvas, limitações e metodologias sobre fontes específicas de dados podem ser extensas e, portanto, não estão incluídas neste capítulo. No entanto, as fontes foram claramente identificadas para que os leitores possam se referir a elas.

Migrantes internacionais: números e tendências

O DAES das Nações Unidas produz estimativas do número de migrantes internacionais no mundo todo. A discussão a seguir baseia-se em suas estimativas, baseadas em dados fornecidos pelos Estados.⁶

As Recomendações das Nações Unidas sobre Estatísticas da Migração Internacional definem um “migrante internacional” como qualquer pessoa que tenha mudado de país de residência habitual, distinguindo entre “migrantes de curto prazo” (aqueles que mudaram os seus países de residência habitual por pelo menos três meses, mas menos de um ano) e “migrantes de longo prazo” (aqueles que o fazem há pelo menos um ano). No entanto, nem todos os países usam essa definição na prática.⁷ Alguns países usam critérios diferentes para identificar migrantes internacionais, por exemplo, aplicando diferentes durações mínimas de residência. As diferenças de conceitos e definições, assim como as metodologias de coleta de dados entre países, dificultam a comparabilidade total das estatísticas nacionais sobre migrantes internacionais.

No geral, o número estimado de migrantes internacionais aumentou nas últimas cinco décadas. O total estimado de 272 milhões de pessoas que vivem em um país que não seja o seu país de nascimento em 2019 foi 119 milhões a mais do que em 1990 (quando era de 153 milhões) e mais de três vezes o número estimado em 1970 (84 milhões; veja a tabela 1). Embora a proporção de migrantes internacionais em todo o mundo também tenha aumentado nesse período, é evidente que a grande maioria das pessoas continua vivendo nos países em que nasceram.

Tabela 1. Migrantes internacionais, 1970–2019

Ano	Número de migrantes	Migrantes como uma % da população mundial
1970	84.460.125	2,3%
1975	90.368.010	2,2%
1980	101.983.149	2,3%
1985	113.206.691	2,3%
1990	153.011.473	2,9%
1995	161.316.895	2,8%
2000	173.588.441	2,8%
2005	191.615.574	2,9%
2010	220.781.909	3,2%
2015	248.861.296	3,4%
2019	271.642.105	3,5%

Fonte: DAES das Nações Unidas, 2008, 2019a, 2019b. Nota: O número de entidades (como Estados, territórios e regiões administrativas) para as quais os dados foram disponibilizados na revisão DAES das Nações Unidas de 2019 sobre o estoque internacional de migrantes era 232. Em 1970, o número de entidades

Nota: O número de entidades (como Estados, territórios e regiões administrativas) para as quais os dados foram disponibilizados na revisão DAES das Nações Unidas de 2019 sobre o estoque internacional de migrantes era 232. Em 1970, o número de entidades era de 135.

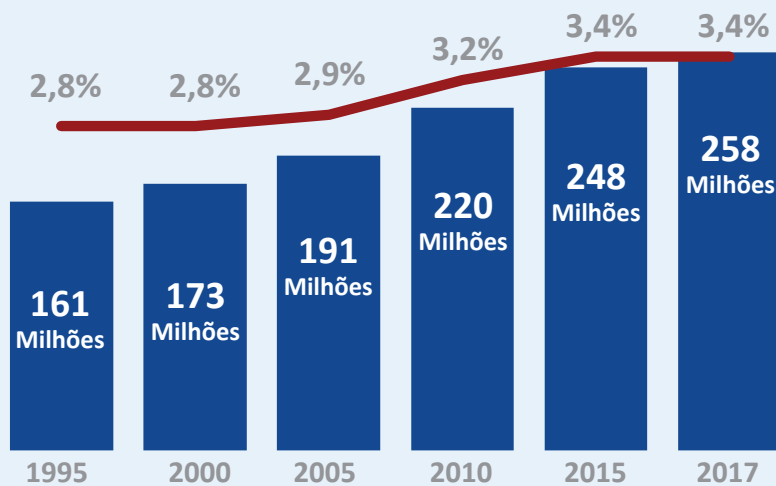
6 Os dados também são fornecidos ao DAES das Nações Unidas segundo os territórios e unidades administrativas. Para um resumo das fontes de dados de ações do DAES das Nações Unidas, metodologia e ressalvas, consulte DAES das Nações Unidas, 2019b.

7 DAES das Nações Unidas, 1998.

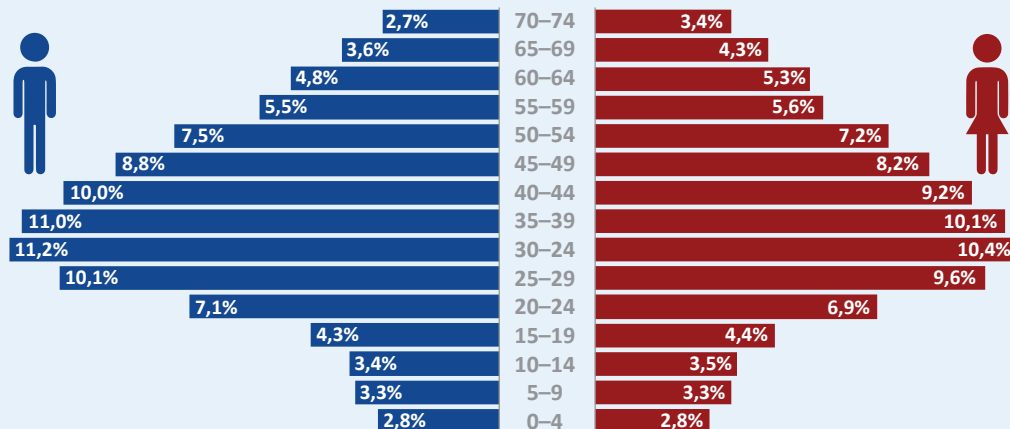
Em 2019, a maioria dos migrantes internacionais (cerca de 74%) tinha idade ativa (20 a 64 anos), com uma ligeira diminuição nos migrantes com menos de 20 anos de 2000 a 2019 (de 16,4% a 14%), e uma participação constante (cerca de 12%) de migrantes internacionais com 65 anos ou mais desde 2000.

Apanhado sobre os migrantes internacionais

A população internacional de migrantes aumentou no mundo todo em tamanho, mas permaneceu relativamente estável como uma proporção da população mundial.



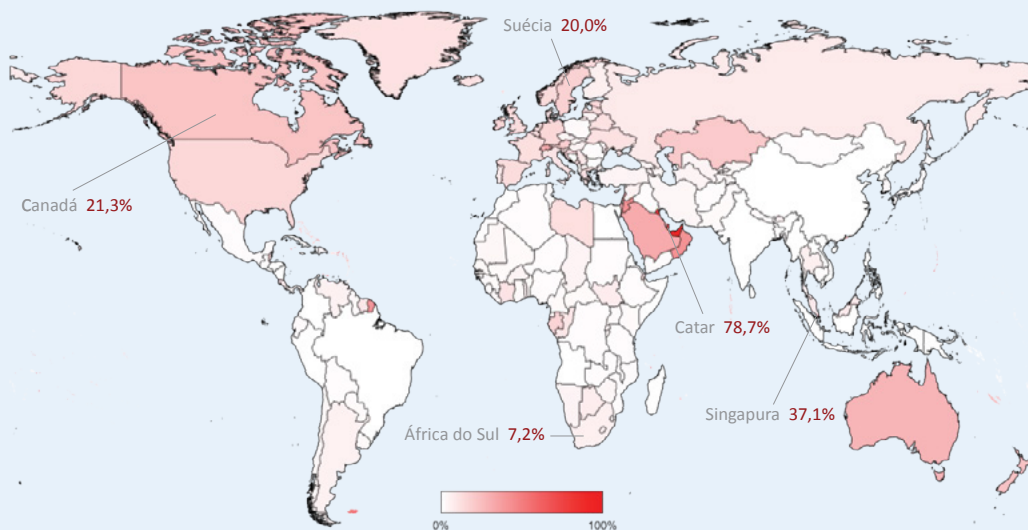
52% dos migrantes internacionais são **homens**, 48% são **mulheres**



A maioria dos migrantes internacionais (74%) tem idade ativa (20-64 anos)

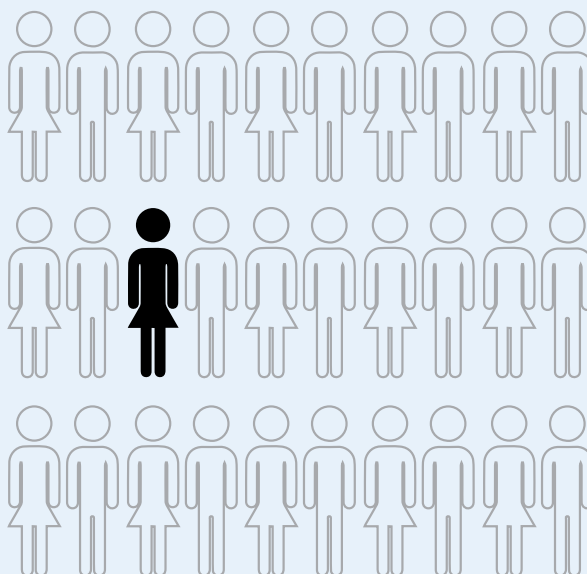
* As faixas etárias acima de 75 anos foram omitidas (masculino 4%, feminino 6%).

A proporção de migrantes internacionais varia significativamente no mundo todo.



Nota: Este mapa é apenas para fins ilustrativos. Os limites e nomes mostrados e as designações usadas neste mapa não implicam endosso ou aceitação oficial por parte da Organização Internacional para as Migrações.

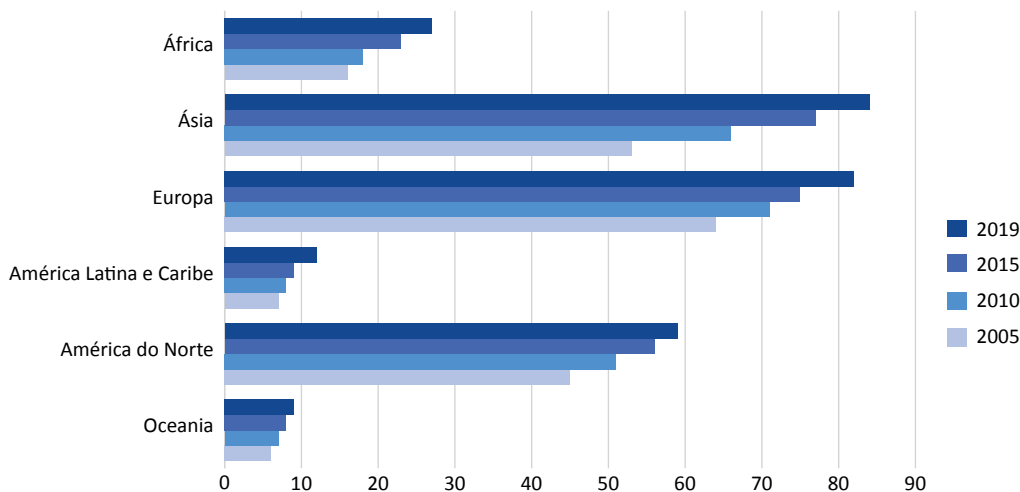
272 milhões de migrantes internacionais em 2019, de uma população global de 7,7 bilhões:
1 em cada 30 pessoas



Nota: Infográficos baseados em DAES das Nações Unidas, 2019a e 2019c.

Em 2019, a Europa e a Ásia receberam cada um cerca de 82 milhões e 84 milhões de migrantes internacionais, respectivamente compreendendo 61% do total global de migrantes internacionais combinados (ver figura 1). Essas regiões foram seguidas pela América do Norte, com quase 59 milhões de migrantes internacionais em 2019 ou 22% da população global de migrantes, África com 10%, América Latina e Caribe com 4% e Oceania com 3%. Quando comparados com o tamanho da população em cada região, a proporção de migrantes internacionais em 2019 foi maior na Oceania, América do Norte e Europa, onde os migrantes internacionais representaram, respectivamente, 21%, 16% e 11% da população total.⁸ Em comparação, a participação de migrantes internacionais é relativamente pequena na Ásia e na África (1,8% e 2%, respectivamente) e na América Latina e no Caribe (1,8%). No entanto, a Ásia experimentou o crescimento mais notável de 2000 a 2019, em 69% (cerca de 34 milhões de pessoas em termos absolutos).⁹ A Europa experimentou o segundo maior crescimento durante esse período, com um aumento de 25 milhões de migrantes internacionais, seguido por um aumento de 18 milhões de migrantes internacionais na América do Norte e 11 milhões na África.¹⁰

Figura 1. Migrantes internacionais, segundo região de residência principal, 2005 a 2019 (milhões)



Fonte: DAES das Nações Unidas, 2019a. Conjunto de dados disponíveis em www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates19.asp (acesso em 18 de setembro de 2019).

Nota: Categorização baseada nas regiões geográficas do DAES das Nações Unidas (consulte o capítulo 3, apêndice A para obter detalhes), não implicando endosso ou aceitação por parte da OIM.

O aumento da migração internacional em algumas regiões ao longo do tempo teve um impacto na mudança da população. A Figura 2 mostra a mudança proporcional da população para cada uma das seis regiões do mundo de 2009 a 2019. Embora a Europa tenha sido tradicionalmente uma das principais regiões de destino dos migrantes internacionais, ela teve a menor taxa de mudança proporcional da população nesse período, um pouco mais de 1%. No entanto, a taxa seria sem dúvida muito menor sem os migrantes internacionais que

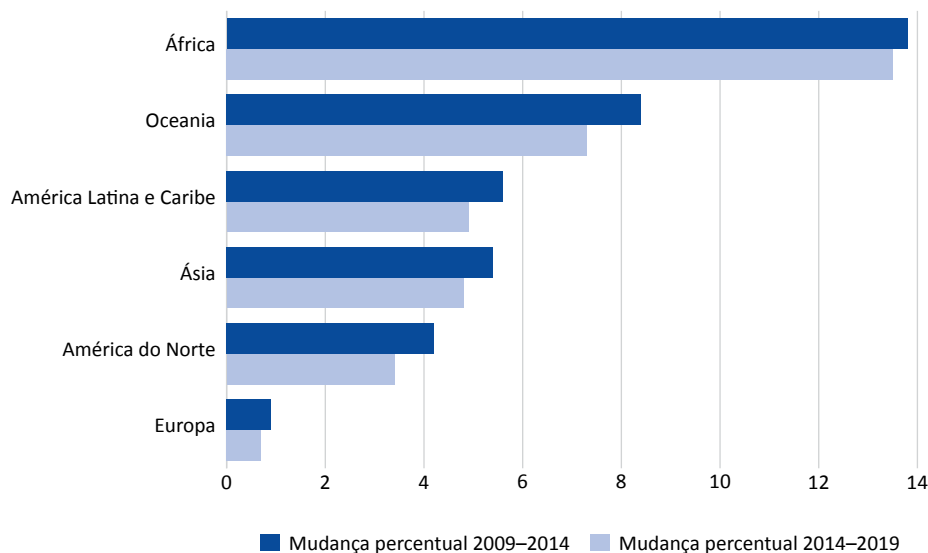
8 DAES das Nações Unidas, 2019a.

9 Ibid.

10 Ibid.

mitigaram a diminuição da população em alguns países europeus, devido, por exemplo, à queda nas taxas de natalidade.¹¹ Em comparação, a África sofreu a mudança mais significativa, com a sua população crescendo quase 30% nesse período, devido às altas taxas de fertilidade e ao aumento da expectativa de vida.¹² Esse crescimento foi, no entanto, abrandado pela emigração da África para outras regiões (nomeadamente Europa e Ásia - veja o capítulo 3 deste relatório para discussão).

Figura 2. Mudança populacional proporcional por região, 2009–2019



Fonte: DAES das Nações Unidas, 2019c.

Nota: Categorização baseada nas regiões geográficas do DAES das Nações Unidas (consulte o capítulo 3, apêndice A para obter detalhes), não implicando endosso ou aceitação por parte da OIM.

Embora o crescimento populacional ao longo da década possa ser mais pronunciado para a África, em 2019 mais da metade da população total do mundo residia em apenas uma região: Ásia (4,6 bilhões de pessoas). De 2009 a 2019, a população da Ásia cresceu quase 440 milhões (de 4,16 bilhões para 4,6 bilhões), em comparação com pouco menos de 300 milhões na África (de 1,01 bilhão para 1,31 bilhão).¹³ Cinco dos dez países mais populosos do mundo estão na Ásia (China, Índia, Indonésia, Paquistão e Bangladesh).¹⁴

Os Estados Unidos da América são o principal país de destino dos migrantes internacionais desde 1970.¹⁵ Desde então, o número de estrangeiros nascidos no país mais do que quadruplicou - de menos de 12 milhões em

11 DAES das Nações Unidas, 2019c. Ver capítulo 3 deste relatório (figura 16) que apresenta os países com a maior mudança proporcional da população na Europa.

12 DAES das Nações Unidas, 2019c. Ver capítulo 3 deste relatório (figura 2) que apresenta os países com a maior mudança proporcional da população na África.

13 DAES das Nações Unidas, 2019c.

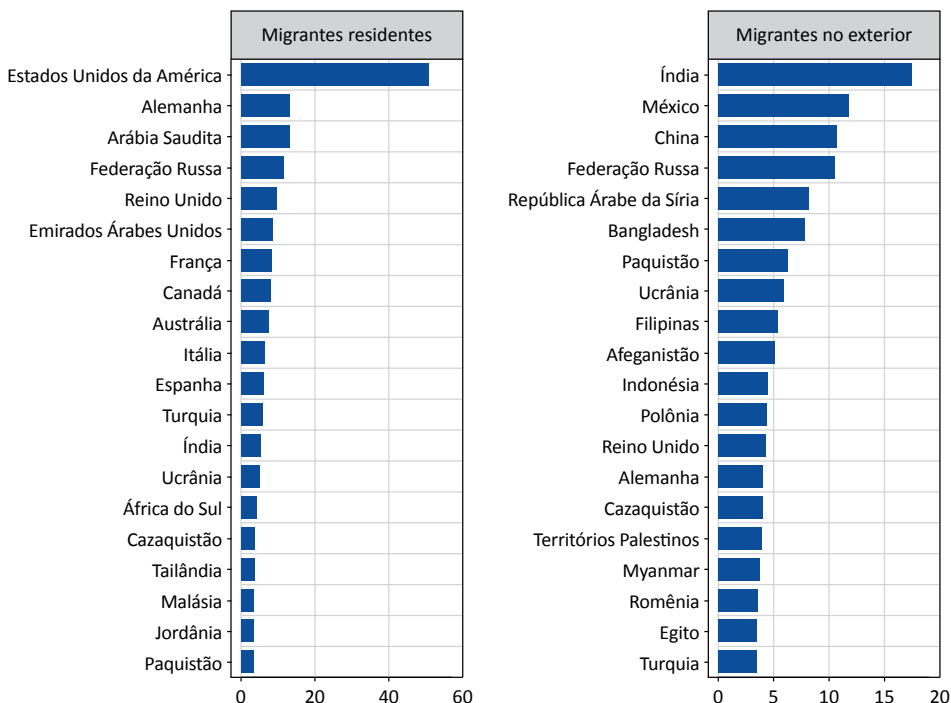
14 Ibid.

15 DAES das Nações Unidas, 2008, 2019a.

1970 para quase 51 milhões no país em 2019. A Alemanha, o segundo principal destino de migrantes, também observou um aumento ao longo dos anos, de 8,9 milhões em 2000 para 13,1 milhões em 2019. Uma lista dos 20 principais países de destino de migrantes internacionais é apresentada na coluna da esquerda da figura 3.

A lista dos maiores países e territórios de origem migrante aparece à direita na figura 3. Mais de 40% de todos os migrantes internacionais em todo o mundo em 2019 (112 milhões) nasceram na Ásia,¹⁶ originários principalmente da Índia (o maior país de origem), China e países do sul da Ásia, como Bangladesh, Paquistão e Afeganistão. O México foi o segundo maior país de origem e a Federação Russa foi o quarto. Vários outros países europeus têm populações consideráveis de emigrantes, incluindo Ucrânia, Polônia, Reino Unido e Alemanha.

Figura 3. 20 principais destinos (esquerda) e origens (direita) dos migrantes internacionais em 2019 (milhões)



Fonte: DAES das Nações Unidas, 2019a (acesso em 18 de setembro de 2019).

No que diz respeito à distribuição de migrantes internacionais por grupo de renda dos países,¹⁷ quase dois terços dos migrantes internacionais residiam em países de alta renda em 2019 - cerca de 176 milhões.¹⁸ Isso se compara a 82 milhões de nascidos no exterior que residiam em países de renda média (cerca de um terço

16 DAES das Nações Unidas, 2019a.

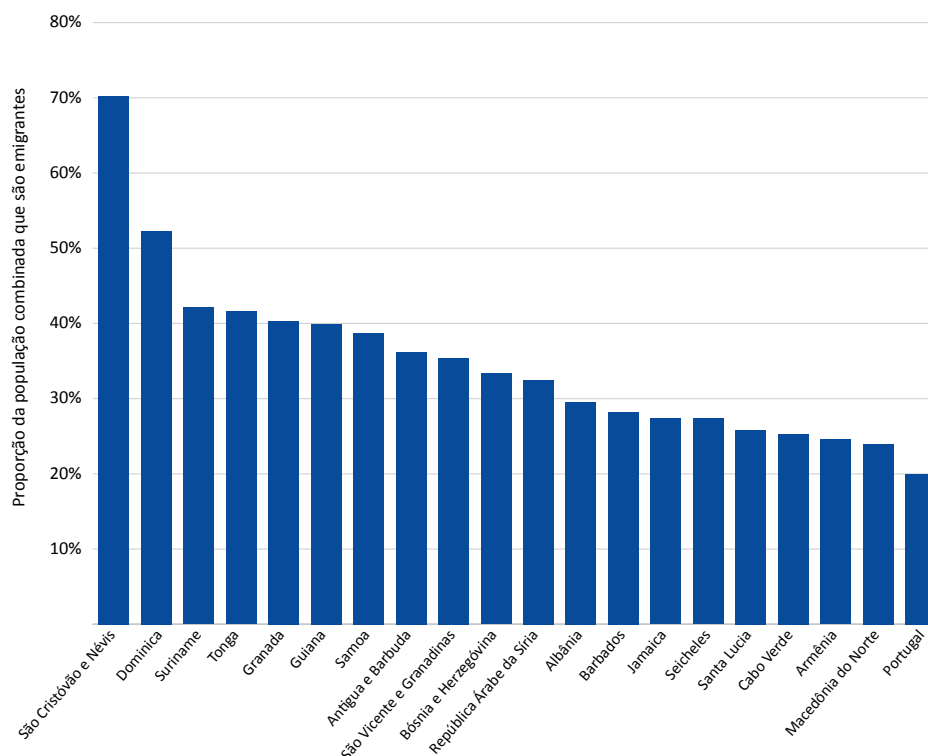
17 Segundo a classificação do grupo de renda por país do Banco Mundial, em Grupos de Países e Empréstimos do Banco Mundial (Banco Mundial, n.d.a).

18 DAES das Nações Unidas, 2017a.

do estoque total de migrantes) e 13 milhões em países de baixa renda no mesmo ano. Os níveis de renda dos países de destino para os trabalhadores migrantes são discutidos mais adiante na seção sobre trabalhadores migrantes abaixo.

Embora os migrantes internacionais tenham a tendência a gravitar em direção a países de alta renda, as suas origens globalmente podem ser diversas. Alguns países de origem têm altas proporções dos seus nacionais que vivem no exterior por razões econômicas, políticas, de segurança, comerciais ou culturais que podem ser de natureza contemporânea ou histórica. Por exemplo, a República Árabe da Síria tem uma taxa de emigração mais alta do que a maioria dos outros países devido a deslocamentos causados por conflitos prolongados (veja a discussão abaixo sobre refugiados para mais detalhes). A Figura 4 destaca países com altas proporções de emigrantes em 2019. É importante ressaltar que a proporção de emigração de um país representa um acúmulo de migração (e deslocamento) ao longo do tempo, às vezes muitas décadas. Destaca-se a diversidade geográfica dos países na figura 4 (países de todas as regiões, exceto a América do Norte estão incluídos), assim como o alto número de países da América Latina e do Caribe (10 dos 20 países).

Figura 4. 20 principais países de emigração em 2019 (proporção)



Fonte: DAES das Nações Unidas, 2019a.

Notas: O tamanho da população usado para calcular a porcentagem de emigrantes se baseia na população de residentes do DAES das Nações Unidas no país, que inclui populações nascidas no exterior. Somente países com uma população combinada de mais de 100 mil residentes e emigrantes foram incluídos na análise.

As estimativas do DAES das Nações Unidas de populações nascidas no exterior não refletem o status de imigração ou categorias de políticas (como estudantes, migrantes altamente qualificados ou refugiados). Capturar esses atributos é inerentemente difícil por vários motivos principais. Primeiro, o status de imigração de uma pessoa pode ser fluido e mudar rapidamente, devido a circunstâncias e configurações legais/políticas. Por exemplo, muitos migrantes internacionais que podem ser descritos como “não documentados” ou “irregulares” entram nos países com vistos válidos e depois permanecem em desacordo com uma ou mais condições de visto. De fato, existem muitos caminhos para a irregularidade, como atravessar fronteiras sem autorização, ultrapassar ilegalmente o período de um visto, trabalhar em contravenção às condições do visto, surgir em irregularidades ou permanecer após uma decisão negativa sobre um pedido de asilo.¹⁹

Em segundo lugar, os países têm diferentes configurações de políticas de imigração e diferentes maneiras de coletar dados sobre migrantes, o que dificulta o estabelecimento de uma abordagem harmonizada para capturar estoques irregulares de migrantes globalmente. O ritmo da mudança na arena da política de migração também apresenta uma dimensão extra de complexidade, pois as pessoas podem entrar e sair da “irregularidade”. Notavelmente, existem muito poucas estimativas globais do número de migrantes irregulares devido a essa complexidade. No entanto, isso não impediu que algumas organizações apresentassem estimativas globais infladas e incorretas - ver caixa de texto abaixo sobre “o que não fazer”.

O que não fazer: estimativa da população global de migrantes irregulares

Em um relatório de agosto de 2019 sobre migração irregular, os autores apresentam uma estimativa global do número de migrantes irregulares, com base na falta de entendimento da política de migração e deslocamento, prática e configurações normativas.^a Ao chegar a uma figura errônea de 106,9 milhões de pessoas, os autores incluem grupos de pessoas que não seriam consideradas irregulares, como deslocados internos, apátridas e migrantes venezuelanos, incluindo refugiados e requerentes de asilo.^b

As lições importantes neste exemplo incluem:

- que categorias de migrantes (mesmo que por vezes se sobreponham) e limitações nas definições devem ser bem compreendidas antes do início da análise;
- garantir que analistas qualificados e experientes, com um entendimento do tópico, liderem esse trabalho;
- buscar assessoria e *feedback* de especialistas informados na área antes da publicação (em geral chamado de “revisão por pares”).

a CSIS, 2019:5–6.

b Muitos venezuelanos foram autorizados a atravessar fronteiras internacionais pelos países de acolhimento após a crise econômica e política que causava deslocamento, e receberam algum tipo de status pelo país receptor, mesmo que de natureza temporária.

Terceiro, como observado na caixa de texto anterior no capítulo sobre “Definição de migração, migrante e outros termos-chaves”, existem necessariamente definições diferentes, dependendo das circunstâncias em que são aplicadas. Em algumas situações legais/políticas, assim como em discussões gerais, por exemplo, um “migrante” pode incluir uma pessoa que nunca migrou. Ver discussão do problema comum de “migração” e “migrante” conflitantes na caixa de texto abaixo.

Conflação de “migração” e “migrante”

De um modo geral, a migração é o processo de mudança de um lugar para outro. Migrar é mudar, seja de uma área rural para uma cidade, de um distrito ou província de um determinado país para outro no mesmo país ou de um país para um novo país. Envolve ação.

Por outro lado, um migrante é uma pessoa descrita como tal por um ou mais motivos, dependendo do contexto (consultar caixa de texto em “Definição de migração, migrante e outros termos-chaves” anteriormente neste capítulo). Embora em muitos casos os “migrantes” efetuem alguma forma de migração, nem sempre é esse o caso. Em algumas situações, as pessoas que nunca realizaram a migração podem ser chamadas de migrantes - filhos de pessoas nascidas no exterior, por exemplo, são comumente chamados migrantes de segunda ou terceira geração.^a Isso pode até se estender a situações que envolvem apátridas, em que grupos inteiros de as pessoas não conseguem acessar a cidadania apesar de nascerem e serem criadas em um país.^b Por outro lado, por exemplo, os cidadãos que retornam depois de terem vivenciado uma migração internacional significativa e/ou durante muito tempo, em geral, não são classificados como “migrantes” quando chegam ao seu país de origem, apesar das suas jornadas e experiências de migração.^c

a Ver, por exemplo, Neto, 1995; Fertig e Schmidt, 2001.

b Kyaw, 2017.

c Skeldon, 2018.

Fluxos migratórios internacionais: definições, números e lacunas

Embora os dados sobre as populações de migrantes estejam amplamente disponíveis, os dados sobre movimentos (fluxos) globais de migração são muito mais limitados. As estimativas disponíveis do DAES das Nações Unidas sobre as populações globais de migrantes são extensas e têm escopo global; no entanto, o banco de dados dos fluxos de migração abrange apenas 45 países.²⁰ A captura de dados sobre os fluxos de migração é extremamente desafiadora por vários motivos. Primeiro, embora os fluxos de migração internacional sejam geralmente aceitos como cobertura de entradas e saídas para e de países, houve um foco maior no registro de entradas. Por exemplo, enquanto países como a Austrália e os Estados Unidos contam movimentos transfronteiriços, muitos outros contam apenas entradas e não saídas.²¹ Além disso, em alguns países, os dados do fluxo de migração são derivados de eventos administrativos relacionados ao status da imigração (por exemplo, emissão/renovação/retirada de uma autorização de residência) e, portanto, são usadas como variável para os fluxos migratórios. Além disso, os movimentos migratórios costumam ser difíceis de separar das viagens não migratórias, como turismo ou negócios.²² O rastreamento de movimentos migratórios também requer recursos consideráveis, infraestrutura e sistemas de TI/conhecimento. Isso impõe desafios particulares para os países em desenvolvimento, onde a capacidade de coletar, administrar, analisar e relatar dados sobre mobilidade, migração e outras áreas é muitas vezes limitada. Por fim, as geografias físicas de muitos países apresentam enormes desafios para a coleta de dados sobre os fluxos de migração. gerenciamento de entradas e fronteiras, por exemplo, é particularmente desafiador em algumas regiões, devido às fronteiras arquipelágicas e isoladas, e é ainda mais complicado pelas tradições da migração informal para o trabalho.²³

20 Laczko, 2017.

21 Koser, 2010.

22 Skeldon, 2018.

23 Gallager e McAuliffe, 2016.

Portal de Dados de Migração Global da OIM

O Portal de Dados de Migração Global (em inglês, *Global Migration Data Portal*) foi lançado em dezembro de 2017 como um ponto de acesso único para estatísticas de migração abrangentes e oportunas e informações confiáveis sobre dados de migração no nível global. O site foi projetado para reunir, em um único lugar, as principais fontes de dados globais sobre migração de diferentes organizações, agências e relatórios. O portal atende aos usuários no campo da migração, tornando os dados de migração internacional mais acessíveis, visíveis e fáceis de entender.

O mapa do mundo apresenta mais de 70 indicadores de dados de migração de mais de 20 fontes de dados internacionais diferentes, discriminadas por país, região, sub-região e região da OIM. A maioria dos dados exibidos está disponível ao público e é fornecida por várias agências internacionais. Os dados de migração no portal podem ser acessados em todos os países das Nações Unidas e são complementados por informações contextuais, incluindo dados demográficos e de emprego. Recursos adicionais importantes, incluindo relatórios escritos e fontes de dados alternativas, são disponibilizados para todos os países, regiões e sub-regiões, quando disponíveis. Uma seção regional fornece páginas de perfil regional que cobrem dados de migração e fontes disponíveis em diferentes regiões das Nações Unidas.

Na seção temática, o portal oferece revisões dos dados disponíveis em vários campos de migração, fornece explicações de conceitos e definições e descreve os pontos fortes e fracos das fontes de dados disponíveis. As páginas temáticas revisam os dados para cerca de 30 tópicos de migração. O portal também apresenta uma coleção de mais de 100 manuais e relatórios de orientação sobre como medir a migração e coletar dados em vários campos. Inúmeros blogs discutindo dados e inovações recentes criados pelos principais especialistas no campo da migração e entrevistas em vídeo com os principais especialistas em dados de todo o mundo também estão incluídos no portal.

O portal também inclui perfis de país de governança de migração e uma seção dedicada sobre dados sobre governança de migração. Uma seção específica mostra como os dados podem apoiar os Estados Membros das Nações Unidas na consecução dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável relevantes para a migração e na implementação do Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular.

O portal está disponível em inglês e estão disponíveis traduções de seções importantes em francês, espanhol e alemão. Para mais informações, ver: <http://migrationdataportal.org>.

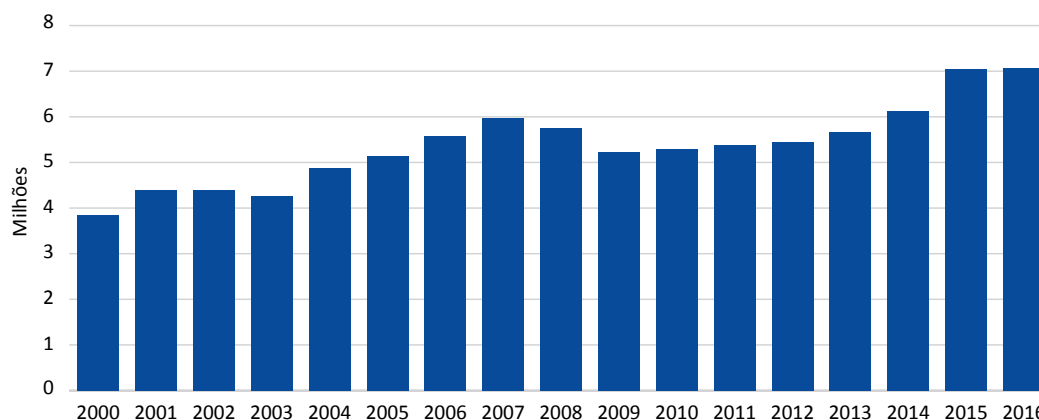
Fluxos migratórios

Atualmente, existem dois conjuntos de dados internacionais principais sobre fluxos de migração internacional, ambos derivados de estatísticas nacionais: Conjunto de dados de fluxos de migração internacional do DAES das Nações Unidas e banco de dados de migração internacional da OCDE. Desde 2005, o DAES das Nações Unidas compila dados sobre os fluxos de migrantes internacionais de e para países selecionados, com base em estatísticas disponíveis no nível nacional. No momento da redação deste artigo (agosto de 2019), não havia

nenhuma atualização no conjunto de dados de fluxos do DAES das Nações Unidas, sendo a mais atual a versão de 2015. O conjunto de dados dos fluxos de migração de 2015 inclui dados de 45 países (apenas 43 em fluxos de emigração), acima de 29 países em 2008 e 15 países em 2005.²⁴

Os dados da OCDE sobre fluxos migratórios foram coletados desde 2000, o que permite uma análise de tendência limitada, como mostra a figura 5 (embora os dados não sejam padronizados, conforme explicado na nota abaixo).²⁵ As estimativas sugerem que a migração permanente afluxa para os países da OCDE aumentaram de 3,85 milhões em 2000 para 7,06 milhões em 2016, com uma pausa temporária ocorrendo na época da crise financeira global (figura 5). A Alemanha continuou sendo o principal país de destino da OCDE em 2016, com mais de 1,7 milhão de novos migrantes internacionais (mais do que o dobro dos níveis registrados em 2000, mas com uma diminuição em comparação com mais de 2 milhões em 2015) chegando naquele ano, seguidos pelos Estados Unidos (1,2 milhão) e no Reino Unido (cerca de 450 mil novos migrantes).²⁶

Figura 5. Fluxos de cidadãos estrangeiros em países da OCDE, migração permanente, 2000–2016 (milhões)



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), n.d.a.

Notas: Os dados não são padronizados e, portanto, diferem das estatísticas sobre entradas permanentes de migração em países selecionados contidos no *International Migration Outlook 2018* da OCDE (OCDE, 2018). Os 35 países normalmente incluídos nas estatísticas da OCDE são os seguintes: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Chéquia, Chile, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Islândia, Israel, Itália, Japão, Letônia, Luxemburgo, México, Noruega, Nova Zelândia, Países Baixos, Polónia, Portugal, Reino Unido, República da Coreia, Suécia, Suíça e Turquia. Em alguns anos, não são disponibilizados dados para países específicos: foram disponibilizados dados para 31 países em 2000 e 33 países em 2016. Notavelmente, os dados para a Grécia não são relatados desde 2012 e os dados para a Turquia não são relatados desde 2010.

24 Para dados de fluxo de migrantes do DAES das Nações Unidas, bem como para os países específicos incluídos, consultar DAES das Nações Unidas, 2015.

25 Esta subseção é baseada em dados do Banco de Dados de Migração Internacional da OCDE. Para dados adicionais sobre fluxos migratórios e outros dados de migrantes nos países da OCDE, consultar OCDE, n.d.a.

26 Estes são os principais países da OCDE para entradas permanentes de estrangeiros cujos dados foram disponibilizados em 2017.

Mortes de migrantes e o Projeto de Migrantes Desaparecidos (OIM)

Após os trágicos eventos de outubro de 2013, nos quais cerca de 368 migrantes morreram no naufrágio de dois barcos perto da ilha italiana de Lampedusa, a OIM começou a coletar e compilar informações sobre migrantes que perecem ou desaparecem em rotas migratórias em todo o mundo, dentro de Projeto de Migrantes Desaparecidos (em inglês, *Missing Migrants Project - MMP*). As informações sobre mortes de migrantes são coletadas diariamente e disponibilizadas no banco de dados *on-line* do Projeto de Migrantes Desaparecidos, gerenciado pelo Centro de Análise de Dados de Migração Global da OIM. O MMP também oferece uma análise dos dados e questões relacionadas às mortes durante a migração, em *briefings* e nos relatórios “Jornadas Fatais” (volume 4 publicado em 2019). As fontes de dados incluem registros oficiais de guardas costeiros e examinadores médicos, histórias nos meios de comunicação, relatórios de organizações não governamentais e agências das Nações Unidas e entrevistas com migrantes. Os desafios da coleta de dados são significativos. Por exemplo, a grande maioria das mortes registradas é de pessoas que viajam por rotas clandestinas, que, em geral, estão no mar ou em áreas remotas (escolhidas com o objetivo de evitar a detecção), o que significa que não são encontrados. Poucas fontes oficiais coletam e disponibilizam publicamente dados sobre mortes de migrantes. Contar com testemunhos de colegas migrantes e fontes da mídia pode ser problemático devido a imprecisões e cobertura incompleta.

Nos cinco anos (2014–2018) de registro sistemático de mortes durante a migração, o MMP documentou mais de 30,9 mil mulheres, homens e crianças que perderam a vida enquanto tentavam chegar a outros países. Durante esse período, o Mar Mediterrâneo registrou o maior número de mortes, matando pelo menos 17.919 pessoas, 64% dos quais não foram recuperados do mar. Em 2018, o Mediterrâneo continuou sendo o local com o maior número conhecido de mortes durante a migração, mas, em comparação com os quatro anos anteriores, houve uma proporção muito maior de pessoas que morreram na “rota do Mediterrâneo Ocidental”. Um total de 813 mortes foram registradas nesta travessia marítima da costa do norte da África até a Espanha em 2018, em comparação com 272 em 2017. Quase 570 mortes durante a migração foram registradas no norte da África em 2018, principalmente devido ao ambiente natural hostil, violência e abuso, condições perigosas de transporte e doenças e fome. Apesar da guerra e da crise humanitária em andamento no Iêmen, em 2018, a rota de migração para o país do Corno de África, através do Mar Vermelho e do Golfo de Áden, continuou em alta utilização. Em 2018, sabe-se que 156 pessoas se afogaram neste cruzamento. No contexto do deslocamento de milhões de pessoas da República Bolivariana da Venezuela, 42 pessoas do país perderam a vida enquanto tentavam migrar para outros lugares da região em 2018. Nenhuma morte de venezuelanos foi registrada pelo MMP no ano anterior. Desde 2014, 1.884 mortes foram registradas ao longo da fronteira EUA-México, incluindo 434 em 2018.

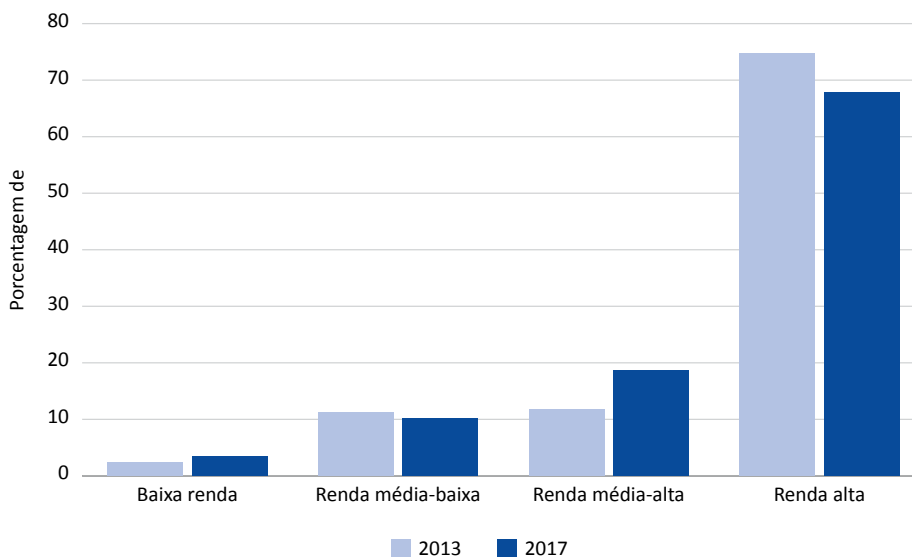
Para descarregar dados do MMP, consultar <https://missingmigrants.iom.int/downloads>. Novas fontes de dados são constantemente adicionadas e esforços estão em andamento para melhorar a coleta de dados a nível global. Para uma discussão sobre os desafios da coleta de dados sobre mortes de migrantes, consultar <http://missingmigrants.iom.int/methodology>.

Trabalhadores migrantes

As últimas estimativas disponíveis indicam que havia cerca de 164 milhões de trabalhadores migrantes em todo o mundo em 2017, representando quase dois terços (64%) do (então) 258 milhões de ações globais de migrantes internacionais.²⁷ Quando comparado com a população global de migrantes em idade ativa - considerados com 15 anos ou mais (234 milhões) - os trabalhadores migrantes representam 70%. Por várias razões, no entanto, é provável que esses números globais sejam subestimados.²⁸ Embora tenham sido produzidas estimativas globais anteriores de trabalhadores migrantes, a OIT observa que elas não podem ser comparadas com as de 2017, devido a diferenças de definição e mudanças na metodologia e nas fontes de dados

Em 2017, 68% dos trabalhadores migrantes residiam em países de alta renda - cerca de 111 milhões de pessoas. Outros 47 milhões de trabalhadores migrantes (29%) moravam em países de renda média e 5,6 milhões (3,4%) estavam em países de baixa renda. Embora não possamos comparar o número de trabalhadores migrantes ao longo do tempo, é útil examinar as mudanças na distribuição proporcional. Em 2017, por exemplo, houve uma mudança notável na categoria de país de destino; ou seja, de 2013 a 2017, os países de alta renda sofreram uma queda de 7 pontos percentuais nos trabalhadores migrantes (de 75% para 68%), enquanto os países de renda média alta observaram um aumento de 7 pontos percentuais (de 12% para 19%) (Ver figura 6.). Essa aparente mudança pode ser influenciada pelo crescimento econômico nos países de renda média e/ou alterações nos regulamentos de imigração laboral nos países de alta renda. A parcela de trabalhadores migrantes na força de trabalho total entre os grupos de renda do país era muito pequena nos países de baixa renda (1,9%), baixa renda (1,4%) e alta renda média (2,2%), mas muito maior para os países de alta renda (18,5%).

Figura 6. Trabalhadores migrantes segundo o nível de renda do país de destino, 2013 e 2017



Fonte: OIT, 2018.

27 O conteúdo desta subseção é baseado e extraído da OIT, 2018. Consulte este documento para obter notas explicativas, análises mais aprofundadas, limitações e advertências associadas aos números e tendências apresentados. De um modo mais geral, as informações sobre emprego estrangeiro nos países da OCDE estão disponíveis em OCDE, n.d.b.

28 Ver, por exemplo, OIT, 2018.

Os trabalhadores migrantes do sexo masculino superaram os trabalhadores migrantes do sexo feminino em 28 milhões em 2017, com 96 milhões de homens (58%) e 68 milhões de mulheres (42%), em um contexto em que os homens compreendem um número maior de migrantes internacionais em idade ativa (127 milhões ou 54%, comparados com 107 milhões ou 46% de mulheres). Isso representa uma mudança de conexão desde 2013, na direção de uma população de trabalhadores migrantes ainda mais generosa, quando uma parcela de trabalhadores migrantes de sexo masculino constituído 56% e 44% feminino. Ver tabela 2 para mais detalhes segundo nível de renda e sexo.

Tabela 2. Trabalhadores migrantes segundo o sexo e nível de renda dos países de destino, 2017

	Baixa renda			Renda média-baixa			Renda média-alta			Alta renda			Total global		
	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total
Trabalhadores migrantes (milhões)	3,6	1,9	5,6	10,9	5,6	16,6	17,4	13,1	30,5	63,7	47,5	111,2	95,7	68,1	163,8
Como proporção de todos os trabalhadores migrantes	2,2	1,2	3,4	6,7	3,4	10,1	10,6	8	18,6	38,9	29	67,9	58,4	41,6	100

Fonte: Com base na OIT, 2018.

Nota: Os totais podem não corresponder devido aos efeitos do arredondamento.

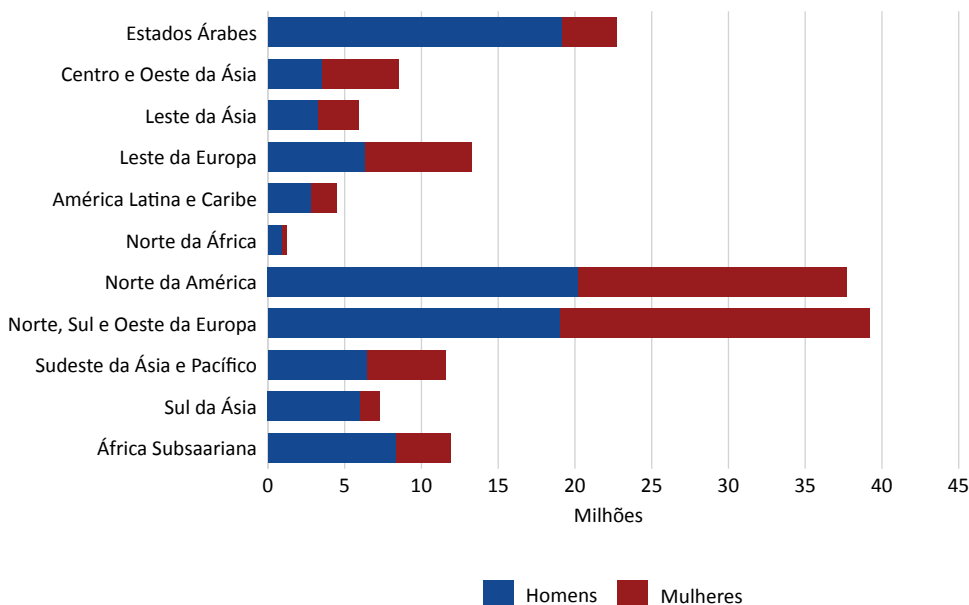
Como é evidente a partir dos dados, a população internacional de trabalhadores migrantes é atualmente de gênero e também geograficamente concentrada. Existe um número muito maior de trabalhadores migrantes do que mulheres no mundo (ver tabela 2), com uma composição de gênero que vê um número muito maior de homens em países de baixa e média renda em comparação com as mulheres e em contraste com divisões por sexo para países de alta renda. Em termos geográficos, e como visto na figura 7 abaixo, 99,6 milhões ou quase 61% de todos os trabalhadores migrantes residiam em três sub-regiões: América do Norte; os estados árabes; e Europa do Norte, Sul e Ocidental.²⁹ É notável o desequilíbrio de gênero entre os trabalhadores migrantes em duas regiões: Sul da Ásia (6 milhões de homens em comparação com 1,3 milhão de mulheres) e Estados Árabes (19,1 milhões de homens em comparação com 3,6 milhões de mulheres). A região dos Estados Árabes é um dos principais destinos dos trabalhadores migrantes, onde eles podem dominar setores-chaves. Por exemplo, nos Estados do Golfo, mais de 95% da força de trabalho para construção e trabalho doméstico é composta por trabalhadores migrantes.³⁰ De 2013 a 2017, o número de trabalhadores migrantes nos Estados Árabes aumentou mais de 5%, após maior demanda por trabalhadores migrantes do sexo masculino, muitos dos quais envolvidos em trabalho manual, principalmente no setor de construção.³¹

29 A categoria da OIT de “Estados Árabes” inclui os seguintes países e territórios: Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, República Árabe da Síria e Territórios Palestinos.

30 OIT, n.d.

31 OIT, 2018.

Figura 7. Distribuição geográfica dos trabalhadores migrantes segundo o sexo, 2017



Fonte: OIT, 2018.

Nota: A figura reflete as regiões e sub-regiões geográficas da OIT e não implica endosso ou aceitação oficial da OIM. Consulte o anexo A da OIT, 2018 para obter mais informações sobre desagregações regionais. Observe que o restante deste capítulo se refere às regiões geográficas do DAES das Nações Unidas.

Remessas internacionais

As remessas são transferências financeiras ou em espécie feitas pelos migrantes diretamente para famílias ou comunidades nos seus países de origem. O Banco Mundial compila dados globais sobre remessas internacionais, apesar das inúmeras lacunas de dados, diferenças de definição e desafios metodológicos na compilação de estatísticas precisas.³² Os seus dados, no entanto, não capturam fluxos não registrados através de canais formais ou informais e a magnitude real das remessas globais portanto, é provável que seja maior que as estimativas disponíveis.³³ Apesar dessas limitações, os dados disponíveis refletem um aumento geral nas remessas nas últimas décadas, de US \$ 126 bilhões em 2000 para US \$ 689 bilhões em 2018.

32 O conteúdo de grande parte desta subseção, salvo indicação contrária, é baseado e extraído dos dados do Banco Mundial em relação à migração e remessas (Banco Mundial, n.d.b); e publicações sobre o tema (Banco Mundial, n.d.c.). Em particular, os conjuntos de dados de remessas anuais do Banco Mundial (Banco Mundial, n.d.b.), o *briefing* sobre Migração e Desenvolvimento 31 (Banco Mundial, 2019), o *briefing* sobre Migração e Desenvolvimento 30 (Banco Mundial, 2018), o *briefing* sobre Migração e Desenvolvimento 27 (Banco Mundial, 2017a) e o seu comunicado de imprensa de 21 de abril (Banco Mundial, 2017b) são as principais fontes de informação. Consulte essas fontes, assim como os Factbooks sobre migração e desenvolvimento do Banco Mundial, incluindo o último, publicado em 2016, para notas explicativas, análises mais aprofundadas, ressalvas, limitações e metodologias associadas aos números e tendências apresentadas.

33 Banco Mundial, 2016.

Houve um aumento de 9% nas remessas em 2018, ante US \$ 633 bilhões em 2017. No entanto, os dois anos consecutivos anteriores a 2017 testemunharam um declínio; de 2014 a 2015, fluxos globais (internos) de remessas contratado em cerca de 1,2%, de US \$ 603 bilhões em 2014 para US \$ 595 bilhões em 2015 e em outros 1,1% de 2015 a 2016 (de US \$ 595 bilhões a US \$ 589 bilhões). Consistente com essa tendência, as remessas para países de baixa e média renda (que representam a maioria do total global) caíram por dois anos consecutivos, de 2015 a 2016 - uma tendência que não era vista há três décadas, segundo o Banco Mundial, antes de retornar à tendência positiva de longo prazo de 2016 a 2018 (de US \$ 444 bilhões em 2016, para US \$ 483 bilhões em 2017 e US \$ 529 bilhões em 2018). Desde meados dos anos 90, as remessas superaram largamente os níveis oficiais de assistência ao desenvolvimento,³⁴ definidos como ajuda governamental destinada a promover o desenvolvimento econômico e o bem-estar dos países em desenvolvimento.³⁵

Em 2018, Índia, China, México, Filipinas e Egito foram (em ordem decrescente) os cinco principais países destinatários de remessas, embora Índia e China estivessem muito acima do restante, com remessas internas totais superiores a 67 bilhões de dólares para cada país (consultar Tabela 3). Quando as remessas são vistas como uma porcentagem do produto interno bruto, no entanto, os cinco principais países receptores de remessas em 2018 foram Tonga (em 35,2%), seguidos pelo Quirquístão (33,6%), Tajiquistão (31%), Haiti (30,7%) e Nepal (28%).

Os países de alta renda são quase sempre a principal fonte de remessas. Durante décadas, os Estados Unidos têm sido consistentemente o principal país emissor de remessas, com uma saída total de US \$ 67,96 bilhões em 2017, seguidos pelos Emirados Árabes Unidos (US \$ 44,37 bilhões), Arábia Saudita (US \$ 36,12 bilhões) e Suíça (US \$ 26,6 bilhões). O quinto maior país remetente de remessas em 2016 e 2017 foi a Alemanha (com saídas totais de US \$ 20,29 bilhões e 22,09 bilhões, respectivamente). Além do seu papel de principal beneficiário, a China (classificada como país de renda média-alta pelo Banco Mundial) também tem sido uma fonte significativa, embora em declínio, de remessas, com US \$ 20,29 bilhões em 2016, para US \$ 16,18 bilhões em 2017. A Tabela 3 fornece mais detalhes e tendências.³⁶

34 Ver Banco Mundial, 2019, por exemplo.

35 Ver, por exemplo, OCDE, n.d.c, que também contém dados sobre assistência oficial ao desenvolvimento. Há um crescente corpus de trabalho explorando os impactos em termos de desenvolvimento, econômicos e sociais dessa tendência.

36 Separação por países que enviavam remessas em 2018 não estavam disponíveis no momento da redação deste documento.

Tabela 3. Principais países de recebem/enviam remessas (2005–2018)
(em bilhões de dólares americanos)

Principais países que recebem remessas							
2005		2010		2015		2018	
China	23,63	Índia	53,48	Índia	68,91	Índia	78,61
México	22,74	China	52,46	China	63,94	China	67,41
Índia	22,13	México	22,08	Filipinas	29,80	México	35,66
Nigéria	14,64	Filipinas	21,56	México	26,23	Filipinas	33,83
França	14,21	França	19,90	França	24,06	Egito	28,92
Filipinas	13,73	Nigéria	19,75	Nigéria	21,16	França	26,43
Bélgica	6,89	Alemanha	12,79	Paquistão	19,31	Nigéria	24,31
Alemanha	6,87	Egito	12,45	Egito	18,33	Paquistão	21,01
Espanha	6,66	Bangladesh	10,85	Alemanha	15,81	Alemanha	17,36
Polônia	6,47	Bélgica	10,35	Bangladesh	15,30	Vietnã	15,93

Principais países que enviam remessas							
2005		2010		2015		2017a	
Estados Unidos	47,25	Estados Unidos	50,78	Estados Unidos	61,86	Estados Unidos	67,96
Arábia Saudita	14,30	Arábia Saudita	27,07	Emirados Árabes Unidos	40,33	Emirados Árabes Unidos	44,37
Alemanha	12,71	Federação Russa	21,45	Arábia Saudita	38,79	Arábia Saudita	36,12
Suíça	10,52	Suíça	17,76	Suíça	25,40	Suíça	26,60
Reino Unido	9,64	Alemanha	14,68	China	20,42	Alemanha	22,09
França	9,48	Itália	12,89	Federação Russa	19,69	Federação Russa	20,61
República da Coreia	6,9	França	12,03	Alemanha	18,03	China	16,18
Federação Russa	6,83	Kuwait	11,86	Kuwait	15,20	Kuwait	13,76
Luxemburgo	6,70	Luxemburgo	10,65	França	12,79	França	13,50
Malásia	5,68	Emirados Árabes Unidos	10,57	Catar	12,19	República da Coreia	12,89

Fonte: Banco Mundial, 2019b. (acesso em julho de 2019).

Nota: Todos os números estão em bilhões de dólares atuais (nominais).

- a Os dados disponíveis mais recentes no momento da redação deste artigo eram para 2017. As avarias nos países que enviaram remessas em 2018 foram indisponíveis.

Programas de Reintegração e Retorno Voluntário Assistido da OIM

A OIM implementa programas de retorno e reintegração voluntária assistida (AVRR) desde 1979. O apoio AVRR da OIM aos migrantes compreende uma série de atividades e normalmente inclui: o fornecimento de assessoria antes da partida, a compra de passagens aéreas, assistência administrativa e de viagem e, sempre que possível, o fornecimento de assistência de reintegração.

Em média, de 2005 a 2014, a OIM assistiu 34 mil migrantes por ano através do AVRR. Em linha com o aumento do volume de migração nos últimos anos, o número de retornos aumentou. Em 2018, o apoio da AVRR foi prestado a 63.316 migrantes retornando de 128 países anfitriões ou de trânsito para 169 países ou territórios de origem. No entanto, isso representa uma queda de 12% em comparação com 2017 (72.176). Essa diminuição pode ser explicada por uma combinação de fatores estruturais e contextuais, variando de país para país: menor número de chegadas de migrantes e solicitações de asilo e mudanças nas políticas nacionais de migração e asilo. Dos 63.316 beneficiários da AVRR em 2018, aproximadamente 24% eram mulheres e 22% eram crianças. Mais de 7% desses retornados foram vítimas de tráfico, crianças migrantes desacompanhadas ou migrantes com necessidades relacionadas à saúde. Aproximadamente 18.274 beneficiários receberam aconselhamento de reintegração antes da partida nos países anfitriões e 41.461 beneficiários receberam aconselhamento de reintegração na chegada aos seus países ou territórios de origem.

10 principais países acolhedores/de trânsito e países de origem dos beneficiários do RRVA, 2018

Países acolhedores ou de trânsito		Países de origem	
Alemanha	15.942	Iraque	5.661
Níger	14.977	Guiné	5.088
Grécia	4.968	Etiópia	4.792
Áustria	3.469	Mali	4.041
Djibuti	3.392	Geórgia	2.681
Bélgica	2.795	Afeganistão	2.232
Países Baixos	2.149	Albânia	2.167
Marrocos	1.508	Federação Russa	1.952
Turquia	1.494	Ucrânia	1.901
Itália	958	Côte d'Ivoire	1.834

Em 2018, a maioria dos beneficiários da AVRR (54%) retornou do Espaço Econômico Europeu (EEE) e da Suíça, principalmente da Alemanha, Grécia, Bélgica, Áustria e Países Baixos. Os retornos do EEE e da Suíça diminuíram de 50.587 em 2017 para 33.971 em 2018. Essa tendência confirma o número crescente de retornos voluntários de países em trânsito. Em 2018, os retornos do Níger, Djibuti e Marrocos para países como Guiné, Mali e Etiópia totalizaram mais de 22% do total global. As principais regiões de origem dos beneficiários da AVRR em 2018 foram a África Ocidental e Central

(31% do total); Europa do Sudeste, Europa Oriental e Ásia Central (28%); e Ásia e Pacífico (14%). Juntos, os 10 principais países e territórios de origem foram responsáveis por 51% do número total de beneficiários da AVRR.

Para mais informações, consulte a Organização Internacional para as Migrações (OIM), 2019a.

Refugiados e requerentes de asilo

Até o final de 2018, havia um total de 25,9 milhões de refugiados em todo o mundo, com 20,4 milhões sob mandato do ACNUR e 5,5 milhões de refugiados registrados pela Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina (UNRWA).³⁷ O número total de refugiados é o mais alto já registrado, embora a taxa de crescimento anual tenha desacelerado desde 2012.

Havia também aproximadamente 3,5 milhões de pessoas buscando proteção internacional e aguardando a determinação do status de refugiadas, chamadas de requerentes de asilo. Em 2018, aproximadamente 2,1 milhões de pedidos de asilo foram apresentados aos Estados ou ao ACNUR. Dos cerca de 1,7 milhão de pedidos de primeira instância de asilo apresentados em 2018, os Estados Unidos foram os principais beneficiários de pedidos de asilo, com 254,3 mil novos pedidos de asilo, uma redução de 23% em relação a 2017 (331,7 mil), contrastando com a tendência anterior de aumentar pedidos de asilo nos Estados Unidos entre 2013 e 2016. O Peru foi o segundo maior destinatário, com um aumento acentuado dos pedidos de asilo, de 37,8 mil casos de pedidos de asilo em 2017 para 192,5 mil pessoas em 2018, principalmente apresentados por venezuelanos (190,5 mil). O Peru foi seguido pela Alemanha, onde o número de pedidos de asilo continuou diminuindo (722,4 mil em 2016, para 198,3 mil em 2017 e 161.900 em 2018).

O ACNUR estima que, no final de 2018, os menores de 18 anos constituíam aproximadamente 52% da população global de refugiados. De 2003 a 2018, de acordo com os dados desagregados disponíveis, a proporção de crianças entre os estoques de refugiados foi muito alta, oscilando entre 41 e 52%. A proporção de mulheres permaneceu relativamente estável, de 47 a 49%, no mesmo período. Consistentes com uma dinâmica global mais ampla, os refugiados continuaram a se basear principalmente em ambientes urbanos, com cerca de 61% dos refugiados localizados em áreas urbanas no final de 2018.³⁸

Crianças desacompanhadas e separadas apresentaram um número estimado de 27,6 mil pedidos de asilo individuais em pelo menos 60 países em 2018, marcando uma tendência decrescente contínua desde o número excepcionalmente alto de pedidos em 2015 (98,4 mil).³⁹

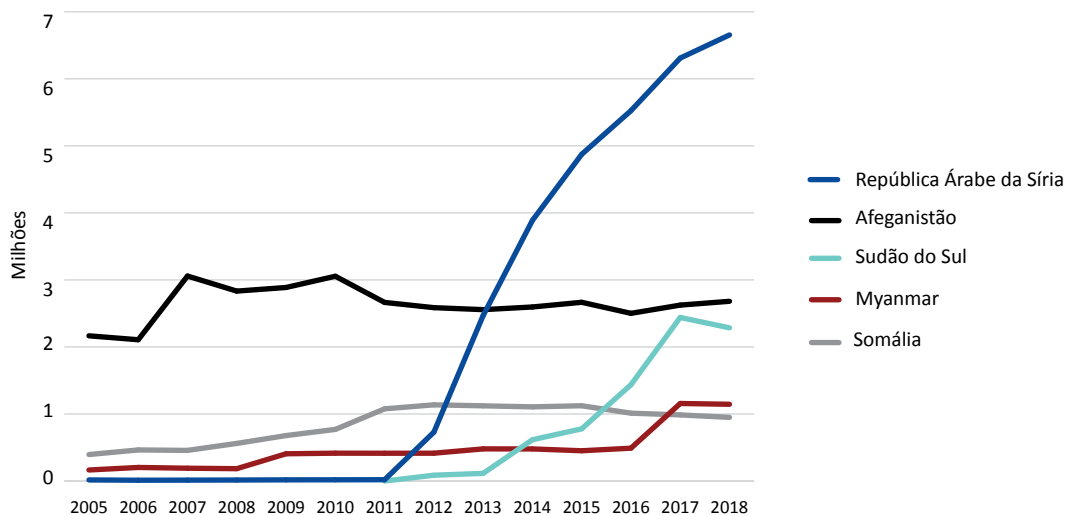
37 O conteúdo desta subseção é baseado e extraído do ACNUR, 2018 e ACNUR, 2019. Consulte estes documentos para notas explicativas, análises mais aprofundadas, ressalvas, limitações e metodologias associadas aos números e tendências apresentados. Os relatórios anteriores de Tendências Globais do ACNUR, assim como o seu banco de dados de Estatísticas da População (ACNUR, n.d.a), são outras fontes importantes de informação.

38 Consulte o ACNUR, 2018 e o ACNUR, 2019 para obter as limitações aplicáveis a essas avaliações relacionadas à idade, sexo e localização.

39 Ver ACNUR, 2019, sobre por que esses números são subestimados.

Como em outros anos, a dinâmica de conflitos não resolvida ou renovada nos principais países contribuiu significativamente para os números e tendências atuais. Dos refugiados sob o mandato do ACNUR no final de 2018, os 10 principais países de origem - República Árabe da Síria, Afeganistão, Sudão do Sul, Myanmar, Somália, Sudão, República Democrática do Congo, República Centro-Africana, Eritreia e Burundi - representaram aproximadamente 16,6 milhões, ou 82% da população total de refugiados. Muitos desses países estão entre as principais fontes de refugiados há pelo menos sete anos. O conflito em curso na República Árabe da Síria viu o número de refugiados daquele país atingir aproximadamente 6,7 milhões. A instabilidade e a violência que tornaram o Afeganistão uma importante fonte de refugiados por mais de 30 anos continuaram, com o país sendo o segundo maior país de origem do mundo, com 2,7 milhões de refugiados; este é um pequeno aumento em relação aos números de 2017 (2,6 milhões), em grande parte devido a nascimentos durante esse ano. O Sudão do Sul continuou sendo o terceiro maior país de origem dos refugiados desde que a violência em larga escala eclodiu em meados de 2016, com 2,3 milhões no final de 2018. Refugiados da República Árabe da Síria, Afeganistão, Sudão do Sul, Myanmar e Somália representavam mais de dois terços da população mundial de refugiados. A Figura 8 mostra as tendências nos números de refugiados nos cinco principais países de origem de 2005 a 2018. O impacto do conflito sírio é claramente ilustrado na figura 8; em 2010, a República Árabe da Síria era um país de origem para menos de 30 mil refugiados e requerentes de asilo, enquanto era o terceiro maior país anfitrião do mundo, com mais de 1 milhão de refugiados originários principalmente do Iraque.⁴⁰

Figura 8. Número de refugiados segundo os 5 principais países de origem a partir de 2018 (milhões)

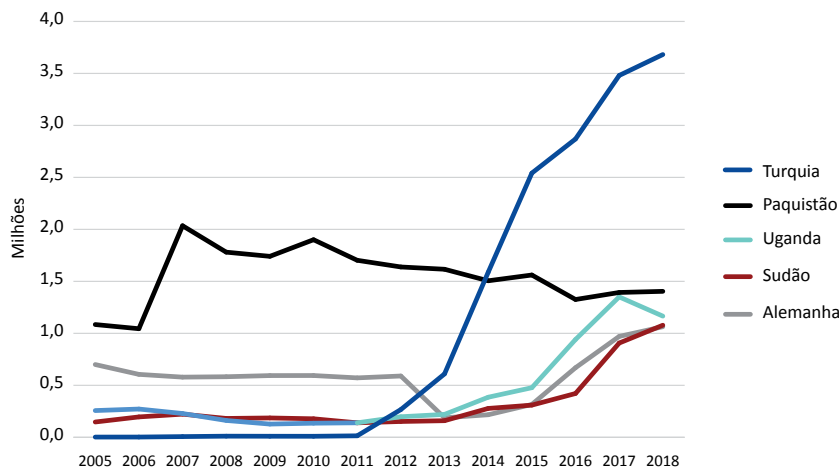


Fonte: ACNUR, n.d.a. (acesso em 9 julho de 2019).

Nota: Sudão do Sul se tornou um país em 2011.

Em 2018, pelo quinto ano consecutivo, a Turquia foi o maior país anfitrião do mundo, com 3,7 milhões de refugiados, principalmente sírios (mais de 3,6 milhões). Refletindo a parcela significativa de sírios na população global de refugiados, outros dois países vizinhos - Jordânia e Líbano - também figuraram entre os 10 principais. O Paquistão e a República Islâmica do Irã também estavam entre os 10 principais países que acolhem refugiados, como os dois principais anfitriões de refugiados do Afeganistão, o segundo maior país de origem. Uganda, Sudão, Alemanha, Bangladesh e Etiópia foram os demais. A grande maioria dos refugiados estava hospedada em países vizinhos. De acordo com o ACNUR, os países menos desenvolvidos - como Bangladesh, Chade, República Democrática do Congo, Etiópia, Ruanda, Sudão do Sul, Sudão, República Unida da Tanzânia, Uganda e Iêmen - hospedaram 33% do total global (6,7 milhões de refugiados). Somente quando os refugiados são medidos em relação às populações nacionais é que os países de alta renda, como Suécia (7º) e Malta (9º), estão entre os dez primeiros. A Figura 9 mostra as tendências nos números de refugiados nos cinco principais países anfitriões de 2000 a 2018.

Figura 9. Número de refugiados segundo os 5 principais países acolhedores a partir de 2018 (milhões)



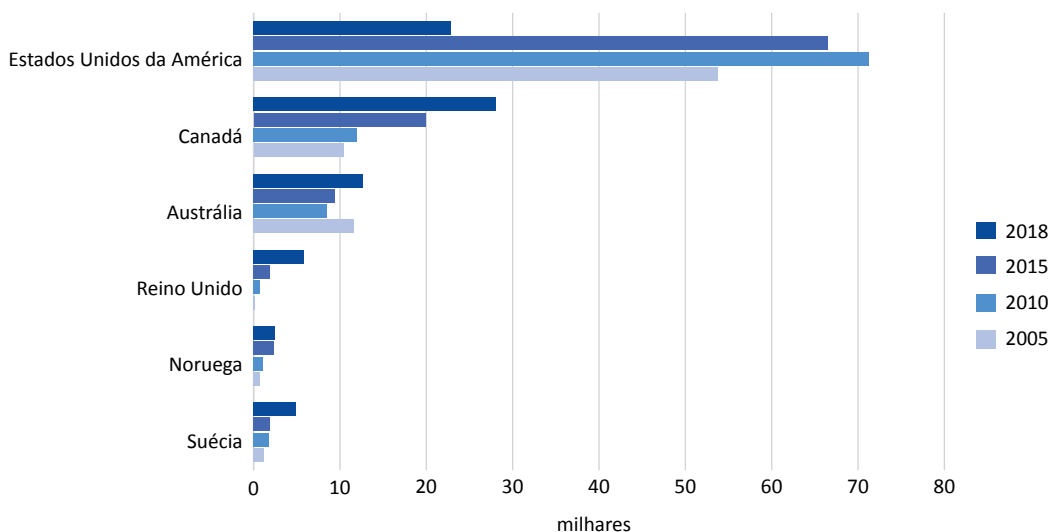
Fonte: ACNUR, n.d.a. (acesso em 25 junho de 2019).

Em 2018, mais de 590.000 refugiados retornaram aos seus países de origem - uma diminuição em comparação com os 667,4 mil refugiados retornados em 2017 - enquanto a população global de refugiados continuou a aumentar. A maioria dos retornos (210,9 mil) foi para a República Árabe da Síria, principalmente da Turquia.

Embora existam muitos desafios para medir aqueles que se beneficiam da integração local, o ACNUR estima que, em 2018, 27 países relataram pelo menos um refugiado naturalizado (em comparação com 28 países em 2017), com um total de 62,6 mil refugiados naturalizados no ano (uma redução dos 73,4 mil refugiados recém-naturalizados em 2017, mas um aumento significativo em comparação com os 23 mil relatados em 2016). A Turquia, que naturalizou cerca de 29 mil refugiados da República Árabe da Síria em 2018 (em comparação com 50 mil em 2017), representa a maior proporção, com Canadá, Países Baixos, Guiné-Bissau e França contribuindo com a maior parte do restante.

Os países tradicionais de reassentamento do Canadá, Estados Unidos da América e Austrália continuaram a conduzir a maioria dos reassentamentos de refugiados do mundo. Em 2018, aproximadamente 92,4 mil refugiados foram admitidos para reassentamento globalmente, representando uma redução de mais de 10% em relação a 2017 (102,8 mil). Refugiados sírios, congoleses e eritreus foram os principais beneficiários. A Figura 10 fornece uma visão geral das estatísticas de reassentamento dos principais países de 2005 a 2018. Com quase 23 mil refugiados reassentados em 2018, foi a primeira vez desde 1980 que os Estados Unidos da América não eram o principal país de reassentamento.⁴¹ O declínio significativo no número de refugiados reassentados no país foi devido a uma redução substancial do refugiado limite de admissão (o número de refugiados admitidos para reassentamento a cada ano fiscal) e triagem de segurança aprimorada para refugiados de países de “alto risco”, que teve o efeito de diminuir o número de admissões de refugiados desses países.⁴² Com um aumento constante na Como o número de refugiados reassentados na última década, o Canadá se tornou o principal país de reassentamento em 2018, com pouco mais de 28 mil refugiados reassentados.

Figura 10. Número de refugiados reassentados segundo os principais países de reassentamento em 2005–2018 (milhares)



Fonte: ACNUR, n.d.b. (acesso em 25 junho de 2019).

41 Radford e Connor, 2019.

42 Ministério de Segurança Nacional dos Estados Unidos, 2018; e Blizzard e Batalova, 2019.

O papel da OIM no reassentamento

A OIM organiza viagens seguras e organizadas para refugiados por meio de programas de reassentamento, assim como para outras pessoas vulneráveis preocupadas que se deslocam por outras vias humanitárias. Além dos programas tradicionais de reassentamento de refugiados e de ajuda humanitária, mais Estados estão interessados ou estão realizando outras formas de admissão, como patrocínios privados, bolsas de estudos e esquemas de mobilidade laboral. Os dados de movimento da OIM para assistência de reassentamento referem-se ao número geral de refugiados e outras pessoas preocupadas que viajam sob os auspícios da OIM de vários países de partida para destinos ao redor do mundo durante um determinado período.

Durante os anos civis de 2017 e 2018, a OIM apoiou cerca de 40 Estados na execução de iniciativas de reassentamento, admissão humanitária e realocação em mais de 138 países de partida, com importantes operações realizadas no Líbano, Turquia, Afeganistão, Jordânia, Grécia, Itália, Uganda, Quênia, Iraque, Etiópia e Sudão.

Em 2017, um total de 137.840 indivíduos viajou para 40 Estados sob os auspícios da OIM para obter assistência de reassentamento; as principais nacionalidades eram sírios, afegãos, eritreus, iraquianos e congolese. Em 2018, um total de 95,4 mil pessoas viajaram para 30 Estados sob os auspícios da OIM para assistência de reassentamento; as cinco principais nacionalidades eram as mesmas do ano anterior. De 2017 a 2018, a discriminação por gênero permaneceu próxima, com 52% do sexo masculino e 48% do sexo feminino realocando para países terceiros.

Comparando os anos 2015–2016 com 2017–2018, houve uma redução de 49,6% dos indivíduos reassentados na América do Norte e um aumento de 46% no reassentamento e realocação para o Espaço Econômico Europeu (EEE). As principais nacionalidades admitidas no EEE entre 2017 e 2018 foram sírios, eritreus, iraquianos, congolese, sudaneses e afegãos.

Sob acordos de cooperação, a OIM fornece às partes interessadas as informações necessárias e compartilha dados com os principais parceiros, como o ACNUR, países de reassentamento e agências de liquidação. A OIM trabalha em estreita colaboração com o ACNUR regularmente, para verificar e alinhar melhor os dados agregados relacionados ao reassentamento, especificamente em torno dos valores das partidas. Para mais informações sobre as atividades de reassentamento da OIM, visite www.iom.int/resettlement-assistance.

Pessoas deslocadas internamente

O Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDMC) compila dados sobre dois tipos de deslocamento interno: novos deslocamentos durante um determinado período e o estoque total de deslocados internos em um determinado momento. Essas informações estatísticas são categorizadas por duas causas de deslocamento amplo: (a) desastres e (b) conflito e violência. No entanto, o IDMC reconhece os desafios associados à distinção entre desastres e conflitos como a causa imediata do deslocamento e destaca a crescente necessidade de identificar melhores maneiras de relatar o deslocamento no contexto de vários fatores.⁴³

Com um número estimado de 41,3 milhões, o estoque global total de pessoas deslocadas internamente por conflitos e violência no final de 2018 foi o mais alto já registrado desde que o IDMC começou a monitorar em 1998 e representa um aumento em relação aos 40 milhões registrados em 2017. Assim como as tendências para os refugiados (discutidas na seção anterior), conflitos intratáveis e novos significaram que o número total de pessoas deslocadas internamente por conflitos e violência quase dobrou desde 2000 e aumentou acentuadamente desde 2010.

A Figura 11 mostra os 20 principais países do mundo com o maior número de deslocados devido a conflitos e violência (população) no final de 2018. A maioria dos países estava no Oriente Médio ou na África Subsaariana. A República Árabe da Síria teve o maior número de pessoas deslocadas devido a conflitos (6,1 milhões) até o final de 2018, seguida pela Colômbia (5,8 milhões). A República Democrática do Congo tinha o terceiro maior número, com 3,1 milhões, seguido pela Somália (2,6 milhões) e Afeganistão (2,6 milhões). Mais de 30 milhões (quase 75%) do total global de 41,3 milhões de pessoas deslocadas vivem em apenas 10 países.⁴⁴ Em termos de proporção da população nacional, a República Árabe da Síria, cujo conflito se arrasta há vários anos, tinha mais de 30 por cento da população deslocada devido a conflitos e violência. A Somália teve a segunda maior proporção (18%), seguida pela República Centro-Africana e Colômbia (com mais de 10%). É importante notar, no entanto, que especialmente em casos de deslocamento prolongado, como na Colômbia, algumas pessoas que retornaram aos seus locais de origem e às suas casas ainda podem ser contadas como deslocadas internamente. Isso ocorre porque, em alguns casos, uma solução durável não foi alcançada.⁴⁵ Organizações como o IDMC seguem a estrutura do Comitê Permanente entre Agências sobre “Soluções duráveis para pessoas deslocadas internamente”, que estipula oito critérios que constituem uma solução durável para determinar quando as pessoas não devem mais ser consideradas deslocadas internamente.⁴⁶

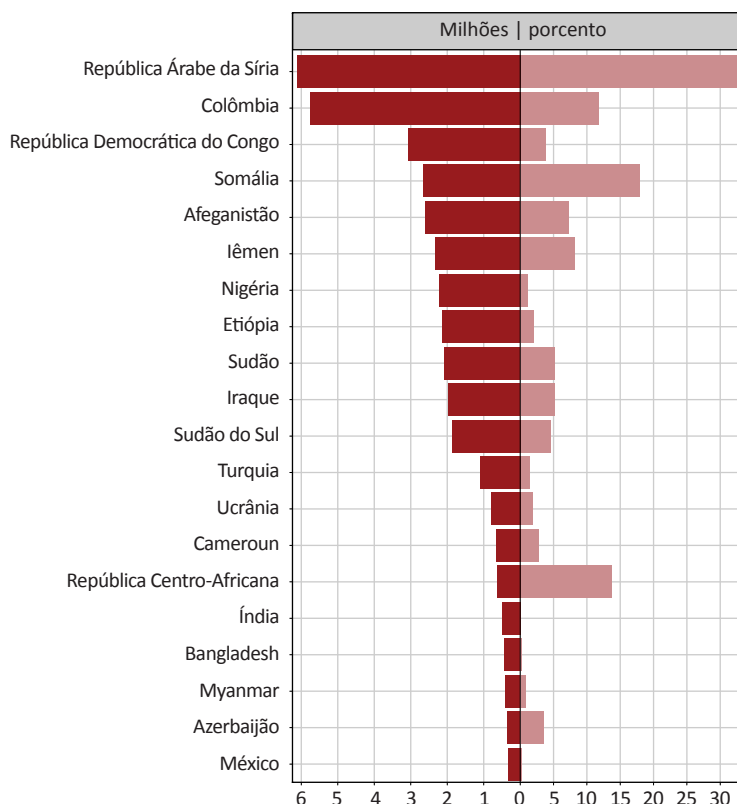
43 O Centro Interno de Monitoramento de Deslocamentos (IDMC) destaca os desafios na coleta de dados sobre deslocamentos devido a projetos de desenvolvimento, violência criminal ou desastres de início lento, assim como os seus esforços para superar essas dificuldades. Ver IDMC, 2019.

44 Os 10 países incluem: República Árabe da Síria, Colômbia, República Democrática do Congo, Somália, Afeganistão, Iêmen, Nigéria, Etiópia, Sudão e Iraque.

45 Uma solução durável é alcançada “quando os deslocados internos não tiverem mais necessidades específicas de assistência e proteção que estão ligadas ao seu deslocamento e essas pessoas podem usufruir de seus direitos humanos sem discriminação resultante do deslocamento”. Ver, por exemplo, Brookings Institution e Universidade de Berna, 2010.

46 Os critérios incluem: segurança e proteção; padrão de vida adequado; acesso a meios de subsistência; restauração de moradias, terrenos e propriedades; acesso a documentação; reagrupamento familiar; participação em assuntos públicos; e acesso a remédios e justiça eficazes. Ver, por exemplo, Brookings Institution e Universidade de Berna, 2010; Centro Interno de Monitoramento de Deslocamentos (IDMC), 2019.

Figura 11. 20 principais países com a maior população de pessoas deslocadas internamente por conflitos e situações de violência a partir do final de 2018



Fonte: Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDMC), 2019.

Notas: A população de pessoas deslocadas internamente se refere ao número acumulado de pessoas deslocadas ao longo do tempo.

O tamanho de população usado para calcular a porcentagem de população em conflito se baseia na população total de residentes do país de acordo com as estimativas da população do DAES das Nações Unidas 2017, e a porcentagem é apenas para fins ilustrativos relativos.

Em 2018, pela primeira vez, o Centro Interno de Monitoramento de Deslocamentos (IDMC) também ofereceu uma estimativa do número global de pessoas deslocadas por desastres. Relatou-se que pouco mais de 1,6 milhão de pessoas ainda viviam deslocadas no final de 2018 devido a desastres que ocorreram em 2018. Conforme observado pelo IDMC, esse número é uma “estimativa altamente conservadora”, pois não captura os que vivem em deslocamento por causa de desastres que ocorreram antes de 2018.

Novos deslocamentos em 2018

No final de 2018, havia um total de 28 milhões de novos deslocamentos internos em 148 países e territórios. Sessenta e um por cento (17,2 milhões) desses novos deslocamentos foram desencadeados por desastres e 39% (10,8 milhões) foram causados por conflitos e violência. Como nos anos anteriores, os desastres relacionados ao clima desencadearam a grande maioria de todos os novos deslocamentos, com tempestades representando 9,3 milhões de deslocamentos e inundações 5,4 milhões. O número de novos deslocamentos associados a conflitos e violência quase dobrou, de 6,9 milhões em 2016 para 11,8 milhões em 2017 e diminuiu ligeiramente, para 10,8 milhões em 2018.⁴⁷

Em 2018, a Etiópia liderou a lista com um número significativamente maior de novos deslocamentos causados por conflitos e violência (2,9 milhões em 2018, em comparação com 725.000 em 2017), influenciando consideravelmente os números globais como resultado.⁴⁸ A Etiópia foi seguida pela República Democrática do Congo (1,8 milhão) e a República Árabe da Síria (1,6 milhão).

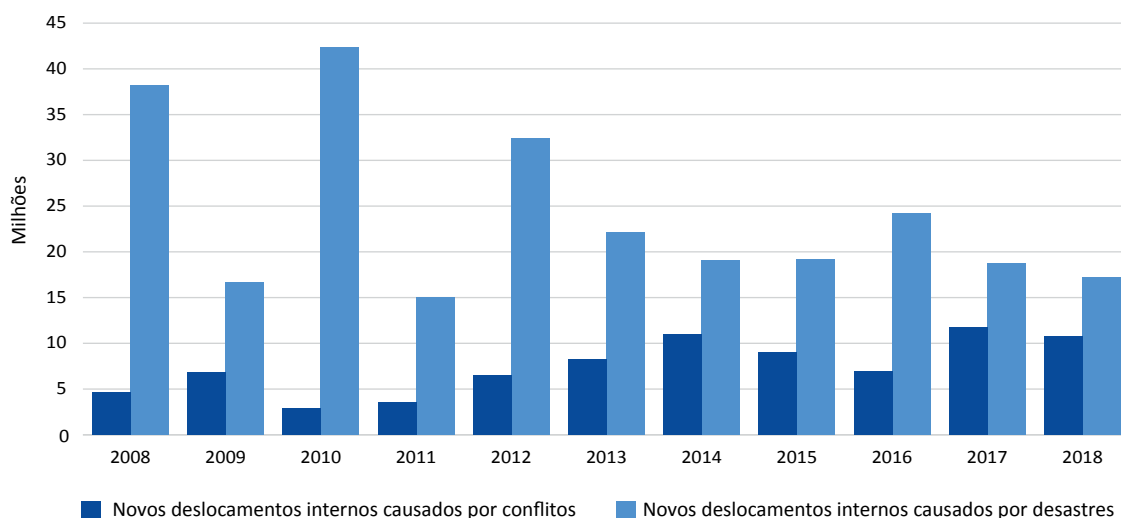
Muito mais pessoas são desalojadas por desastres em um determinado ano, em comparação com aquelas desalojadas por conflitos e violência, e mais países são afetados pelo desastre. Isso é aparente ao examinar o número de países e territórios em que ocorreram novos deslocamentos em 2018: 144 para desastres, em comparação com 55 para conflitos e violência. Em 2018 (como nos anos anteriores), os desastres causados por riscos climáticos e climáticos, como tempestades e inundações, foram responsáveis pela maior parte do total (16,1 milhões, ou quase 94%). Também foram disponibilizadas e obtidas informações sobre deslocamentos causados pelas secas, pela primeira vez em 2017, com 1,3 milhão de novos deslocamentos e, em 2018, 764 mil, principalmente no Chifre de África. Desde 2008, a outra causa de desastres, riscos geofísicos, desencadeou uma média de 3,1 milhões de deslocamentos por ano. Embora as estatísticas de 2017 para desastres geofísicos estivessem bem abaixo da média, com 758 mil novos deslocamentos registrados, o número aumentou para 1,1 milhão em 2018. Filipinas e China (aproximadamente 3,8 milhões cada), assim como Índia e Estados Unidos (respectivamente cerca de 2,7 e 1,2 milhão), tiveram o maior número absoluto de deslocamentos em desastres em 2018.

Conforme mostrado na figura 12, em anos anteriores, os novos deslocamentos anuais em desastre superavam os novos deslocamentos associados a conflitos e violência. O Centro Interno de Monitoramento de Deslocamentos (IDMC) observa, no entanto, que uma parcela significativa do total global de novos deslocamentos por desastres geralmente está associada a evacuações de curto prazo de maneira relativamente segura e ordenada.

47 O conteúdo desta subseção é baseado e extraído de IDMC, 2018 e IDMC, 2019. Consulte estes documentos para notas explicativas, análises mais aprofundadas, ressalvas, limitações e metodologias associadas aos números e tendências apresentados. Os relatórios anteriores de estimativas globais do IDMC (www.internal-displacement.org/global-report/), assim como o seu banco de dados de deslocamento interno global (IDMC, n.d.), são outras fontes importantes de informação.

48 O Centro Interno de Monitoramento de Deslocamentos (IDMC) destaca possíveis razões para essas mudanças, incluindo a estabilização de linhas de frente de conflitos, cessar-fogo, restrições à liberdade de movimento e mudanças na metodologia de coleta de dados.

Figura 12. Novos deslocamentos internos causados por conflitos e desastres, 2008–2018 (milhões)



Fonte: Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDCM), n.d. (acesso em 4 junho de 2019).

Notas: O termo “novos deslocamentos” se refere ao número de movimentos de deslocamentos ocorridos em determinado ano, não à população total acumulada de deslocados internos resultantes de deslocamentos ao longo do tempo. Os novos números de deslocamento incluem indivíduos que foram deslocados mais de uma vez e não correspondem ao número de pessoas deslocadas durante um determinado ano.

Matriz de Acompanhamento de Deslocamento da OIM

A Matriz de Acompanhamento de Deslocamento da OIM (em inglês, *Displacement Tracking Matrix - DTM*) rastreia o deslocamento em países afetados por conflitos ou desastres naturais. Foi projetado para capturar, processar e disseminar informações sobre os movimentos e necessidades em evolução das populações e migrantes deslocados. Os dados são compartilhados na forma de mapas, infográficos, relatórios, visualizações interativas baseadas na Web e exportação de dados brutos ou personalizados. Com base em uma determinada situação, a DTM reúne informações sobre populações, locais, condições, necessidades e vulnerabilidades, usando uma ou mais das seguintes ferramentas metodológicas:

- Rastrear a mobilidade e as necessidades multissetoriais em locais específicos para direcionar a assistência;
- Rastrear tendências de movimento (“fluxo”) e a situação geral na origem, trânsito e pontos de destino;
- Registro de indivíduos e famílias para seleção de beneficiários, direcionamento de vulnerabilidades e programação;

- (d) Realização de pesquisas para coletar informações detalhadas e detalhadas de populações de interesse.

Em 2018, a DTM acompanhou mais de 40 milhões de pessoas (incluindo deslocados internos, retornados e migrantes) em mais de 60 países. Os dados da DTM da OIM são uma das maiores fontes de estimativas anuais globais sobre deslocamento interno compiladas pelo Centro Interno de Monitoramento de Deslocamentos (IDMC). Para mais informações sobre a DTM da OIM, visite www.globaldtm.info.

Pessoas apátridas

Os apátridas estão, por definição, em uma situação vulnerável, pois não são reconhecidos como nacionais por nenhum Estado.⁴⁹ Eles enfrentam obstáculos no acesso a serviços básicos - como educação, emprego ou assistência médica - e podem sofrer discriminação, abuso e marginalização. Embora os apátridas não sejam necessariamente migrantes, as suas situações que envolvem vulnerabilidade e falta de direitos podem levá-los a migrar, internamente ou através das fronteiras, e muitas vezes irregularmente, dados os obstáculos significativos que podem enfrentar ao acessar documentos de viagem e rotas regulares de migração.⁵⁰

Como parte do seu mandato para apátridas, o ACNUR registrou 3,9 milhões de apátridas em todo o mundo em 2018, o mesmo número global de 2017.⁵¹ Esse número é, no entanto, uma estimativa baixa, e o número pode ter chegado a 10 milhões em 2017, segundo o ACNUR. De fato, enquanto identificar quem é apátrida é um primeiro passo necessário para prevenir e reduzir o estado apátrida em todo o mundo, a coleta de dados continua sendo um desafio significativo.⁵²

Pela primeira vez, o ACNUR incluiu refugiados da etnia rohingya em Bangladesh e deslocados internos no estado de Rakhine, Myanmar, nos seus dados de apátridas de 2017 e 2018, “tendo em conta o tamanho dessa população e que eles são apátridas e deslocados”.⁵³ Bangladesh e Myanmar foram os países com a primeira e a terceira maiores populações de apátridas, respectivamente, em 2018 (cerca de 906 mil apátridas em Bangladesh e 620 mil em Myanmar). A Figura 13 mostra os outros países entre os 10 principais a partir de 2018. A Côte d’Ivoire ficou na segunda posição com 692 mil apátridas, incluindo principalmente pessoas consideradas “estrangeiras” após a independência do país, assim como os seus descendentes.⁵⁴ A Tailândia tinha a quarta maior população de apátridas em 2018, que consistia principalmente em comunidades indígenas e étnicas.⁵⁵ A Letônia relatou quase 225 mil apátridas, com um número significativo de russos étnicos que não foram capazes de naturalizar devido à lei de cidadania do país após a sua independência da União Soviética,

49 Organização das Nações Unidas, 1954. Ver também ACNUR, 2014a.

50 McAuliffe, 2018.

51 O conteúdo desta subseção é baseado e extraído do ACNUR, 2018 e ACNUR, 2019, a menos que indicado o contrário.

52 ACNUR, 2019:51.

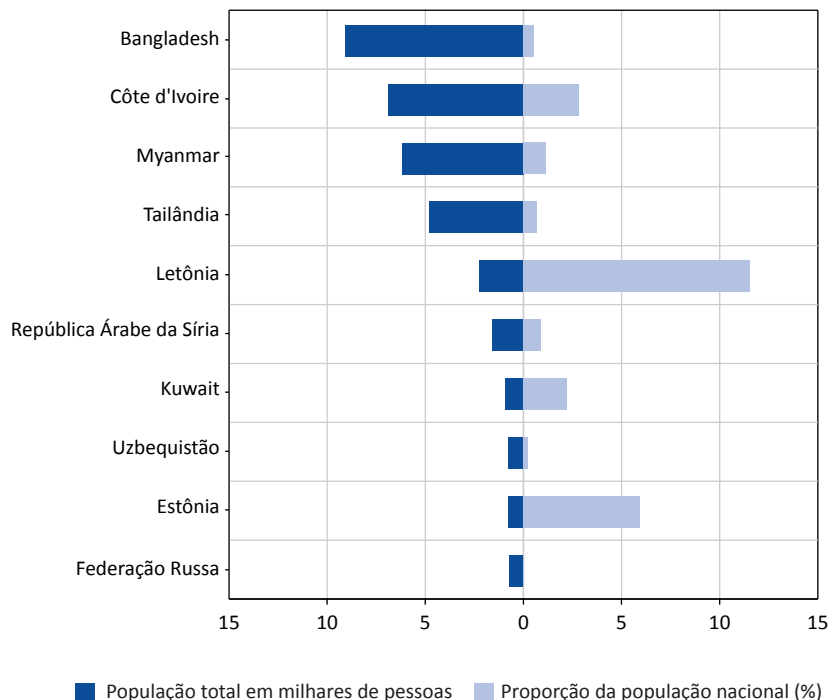
53 ACNUR, 2018:53. De acordo com a metodologia estatística do ACNUR, refugiados apátridas, requerentes de asilo e deslocados internos de outros países continuam excluídos dos dados relatados sobre apátridas. Em Tendências Globais: Deslocamento forçado em 2017, no entanto, o ACNUR indica que os relatórios estatísticos para populações apátridas estão atualmente sendo revisados (ACNUR, 2018). Ver também Instituto sobre apatridia e inclusão, 2018.

54 Adjami, 2016.

55 Van Waas, 2013.

que só concede nacionalidade por descendência.⁵⁶ Foi seguido pela República Árabe da Síria (160 mil), Kuwait (92 mil), Uzbequistão (80 mil), Estônia (78 mil) e Federação da Rússia (76 mil). Em termos de proporção da população nacional, mais de 11% da população da Letônia era apátrida, seguida pela Estônia, onde apátridas totalizavam quase 6%.

Figura 13. Importantes publicações sobre pessoas apátridas segundo os 10 principais países declarantes a partir de 2018



Fonte: Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), 2019; DAES das Nações Unidas, 2017b.

Notas: A população no lado esquerdo do gráfico se refere ao número acumulado relatado de pessoas que se enquadram na definição internacional de apátrida e sob mandato do ACNUR, embora alguns países possam incluir pessoas cuja nacionalidade é indeterminada. Os dados são do relatório Global Trends do ACNUR, que diverge dos dados relatados no banco de dados de Estatísticas da População. Em contraste com o relatório, o banco de dados não inclui refugiados rohingya no Bangladesh e deslocados internos em Myanmar, que eram apátridas em 2017 e 2018.

O tamanho da população usado para calcular a porcentagem da população de apátridas no lado direito do gráfico é baseado na população total de residentes do país, segundo estimativas da população do DAES das Nações Unidas de 2017.

Infelizmente, dadas as atuais lacunas de dados e os desafios metodológicos, não é possível fornecer tendências ao longo do tempo, seja de apátrida ou do impacto dos esforços atuais para erradicá-la. Enquanto o Plano de Ação Global do ACNUR para acabar com a apatridia até 2024 levou a resultados tangíveis desde 2014, a

56 Venkov, 2018; Instituto sobre Apatridia e Inclusão (ISI), 2014.

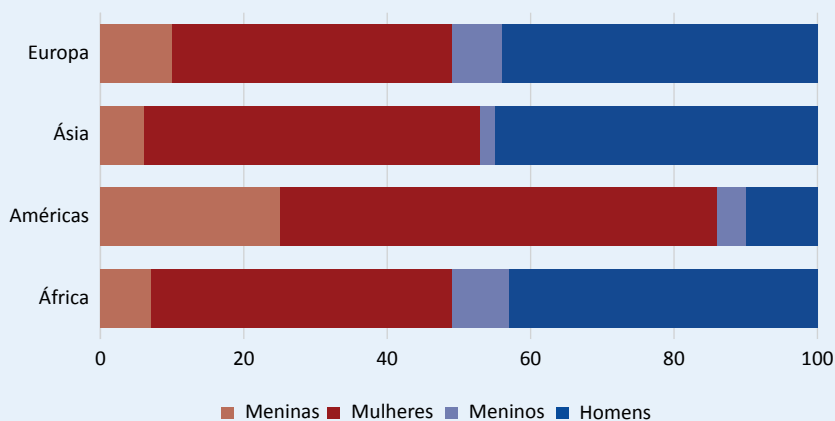
redução da apatridia é um processo lento.⁵⁷ O ACNUR observa 56,5 mil apátridas em 24 países que adquiriram nacionalidade ou cuja nacionalidade foi confirmada em 2018, especialmente no Cazaquistão, Quirguistão, Federação da Rússia, Suécia, Tajiquistão, Turquemenistão, Uzbequistão e Vietnã.

Dados colaborativos para combater o tráfico

Desde meados da década de 90, a OIM assistiu mais de 100 mil vítimas de tráfico em todo o mundo. Por meio dessas atividades de assistência direta, a OIM desenvolveu o seu banco de dados central de gerenciamento de casos, que contém informações sobre mais de 55 mil casos individuais desde 2002. Esses dados incluem informações sobre vítimas de tráfico, incluindo dados demográficos, mas também informações sobre a sua experiência em tráfico. Como fonte única de informações sobre tráfico de seres humanos, a OIM trabalhou para levar esses dados a uma audiência pública, para que ideias valiosas possam ser desenvolvidas e compartilhadas entre os atores de combate ao tráfico em todo o mundo. Uma parte importante desse esforço foi o lançamento da Colaboração de Dados de Contra-Tráfico (CTDC) em 2017, em parceria com Polaris e Liberty Shared.^a

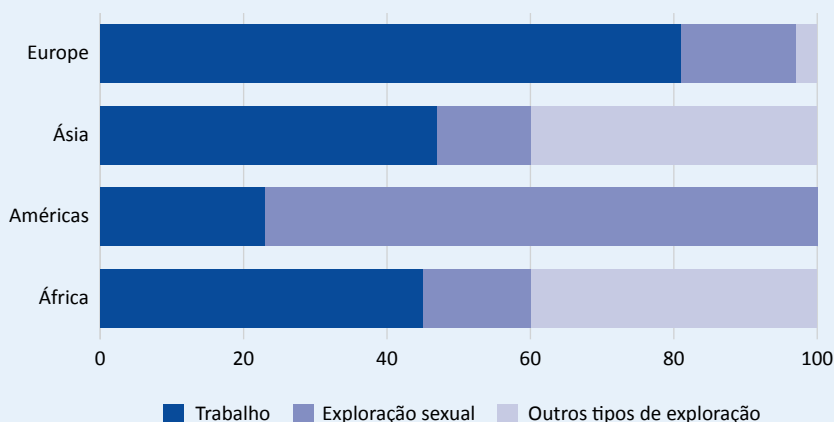
O CTDC é o primeiro centro global de dados sobre tráfico de pessoas e combina os três maiores conjuntos de dados em nível de caso, resultando em um conjunto de dados centralizado com informações sobre mais de 90 mil casos. Para os anos de programa de 2016 e 2017, foram incluídos 40.190 novos registros de casos. As vítimas registradas naquele período eram de 147 países e foram exploradas em 107 países. A maioria era de mulheres (54%), enquanto 20% eram meninas, 22% eram homens e 5% eram meninos. Pouco mais de um quarto eram crianças, com 16% das vítimas entre 15 e 17 anos de idade. Quase 30% foram traficados para trabalhos forçados, enquanto 47% foram traficados para fins de exploração sexual. No entanto, como mostrado nas figuras abaixo, existem diferenças regionais substanciais.^b

Gênero segundo região de exploração nos dados do CTDC (2016-2017)



57 ACNUR, 2014b; Comitê Executivo do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR ExCom), 2017.

Tipo de exploração segundo região de exploração nos dados do CTDC (2016-2017)



a Disponível em www.ctdatacollaborative.org/.

b A Oceania foi omitida devido ao pequeno número de vítimas no conjunto de dados do CTDC. A categoria “outra exploração” no lado direito da figura inclui casamento forçado, remoção de órgãos, escravidão e práticas similares e outros tipos de exploração. Informações sobre definições podem ser encontradas no site do CTDC.

Conclusão

É importante entender a migração e o deslocamento, e como eles estão mudando a nível global, dada a sua relevância para os Estados, comunidades locais e indivíduos. A migração humana pode ser um fenômeno antigo que remonta aos primeiros períodos da história, mas as suas manifestações e impactos mudaram ao longo do tempo à medida que o mundo se tornou mais globalizado. Agora, mais do que em qualquer outro momento da história, temos mais informações sobre migração e deslocamento a nível global à nossa disposição. E, no entanto, a própria natureza da migração em um mundo interconectado significa que o seu dinamismo pode ser difícil de capturar em termos estatísticos. A migração envolve “eventos” que podem ser rápidos e complexos. Embora certamente seja verdade que os padrões internacionais de migração estão relacionados a processos sociais, econômicos e geopolíticos que evoluíram ao longo de gerações, senão centenas de anos, os recentes avanços na conectividade transnacional estão abrindo mais oportunidades para uma maior diversidade nos processos de migração.

É cada vez mais relevante, portanto, manter-se a par das tendências e padrões em evolução nas migrações e deslocamentos. Neste capítulo, damos uma visão global de migração e migrantes, com base nos dados atuais disponíveis. Não obstante as lacunas e defasagens de dados, várias conclusões de alto nível podem ser tiradas. No nível global, por exemplo, podemos ver que, com o tempo, os migrantes passaram a residir em algumas regiões (como a Ásia) a uma taxa muito maior do que em outras (como África, América Latina e Caribe), e que é provável que essa tendência continue (veja a figura 1). Da mesma forma, as estatísticas mostram que os trabalhadores migrantes continuam gravitando em direção a regiões com maiores oportunidades, à medida que as economias crescem e os mercados de trabalho evoluem, e que algumas populações de trabalhadores migrantes são fortemente de gênero (ver figura 7).

Os dados globais também mostram que o deslocamento causado por conflito, violência generalizada e outros fatores permanece em um nível recorde. Conflitos e violência intratáveis, não resolvidos e recorrentes levaram a um aumento no número de refugiados em todo o mundo nos últimos anos, com mulheres e crianças representando uma parcela substancial do total. Embora alguns países continuem a fornecer soluções para os refugiados, no geral, eles têm sido insuficientes para atender às necessidades globais, especialmente devido à recente mudança nos padrões de reassentamento de refugiados nos Estados Unidos (ver figura 10). Além disso, estima-se que haja mais pessoas deslocadas internamente no final de 2018 do que nunca. Também descobrimos que o número estimado de apátridas em todo o mundo é significativo, em quase 4 milhões, apesar de ter sido alertado que isso é uma subestimação. Além de questões fundamentais de direitos humanos, a apatridia pode colocar as pessoas em risco de migração e deslocamento (irregulares), por isso é uma importante questão global que merece mais coleta, relatório e análise de dados.⁵⁸

A cooperação internacional em migração foi reconhecida por uma maioria significativa dos Estados - juntamente com atores não estatais na migração - como essencial e central para alcançar uma migração segura, ordenada e regular para todos. O Pacto Global para Migração deixa isso claro, enfatizando o compromisso global de melhorar a cooperação internacional em migração, bem como a coleta de dados de migração, para que possamos entender melhor tendências e padrões e processos em evolução, para apoiar o desenvolvimento de respostas baseadas em evidências.⁵⁹ Existem oportunidades a serem realizadas e desafios a serem superados, pois trabalhamos coletivamente para a implementação desse compromisso.

58 ACNUR, 2014b; Comitê Executivo do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR ExCom), 2017.

59 Ver capítulo 11 deste relatório para discussão do Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular e os seus 23 objetivos.

Referências*

Adjami, M.

- 2016 *Statelessness and Nationality in Côte d'Ivoire: A Study for UNHCR*. Disponível em www.refworld.org/docid/58594d114.html.

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR)

- 2010 *UNHCR Global Trends 2010*. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), Genebra. Disponível em www.unhcr.org/statistics/country/4dfa11499/unhcr-global-trends-2010.html.

- 2014a *Handbook on Protection of Stateless Persons under the 1954 Convention Relating to the Status of Stateless Persons*. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), Genebra. Disponível em www.unhcr.org/dach/wp-content/uploads/sites/27/2017/04/CH-UNHCR_Handbook-on-Protection-of-Stateless-Persons.pdf.

- 2014b *Global Action Plan to End Statelessness*. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), Genebra. Disponível em www.refworld.org/docid/545b47d64.html.

- 2018 *Global Trends: Forced Displacement in 2017*. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), Genebra. Disponível em www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5b27be547/unhcr-global-trends-2017.html.

- 2019 *Global Trends: Forced Displacement in 2018*. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), Genebra. Disponível em www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5d08d7ee7/unhcr-global-trends-2018.html.

- n.d.a Estatísticas Populacionais. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), Genebra. Disponível em http://popstats.unhcr.org/en/persons_of_concern (acesso em 3 de setembro de 2019).

- n.d.b Reassentamento. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), Genebra. Disponível em <http://popstats.unhcr.org/en/resettlement> (acesso em 3 de setembro de 2019).

Banco Mundial

- 2016 *Migration and Remittances Factbook 2016* – Terceira edição. Banco Mundial, Washington, D.C. Disponível em <https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/23743/9781464803192.pdf?sequence=3&isAllowed=y>.

- 2017a *Migration and Remittances: Recent Developments and Outlook*. Migration and Development Brief 27. Banco Mundial, Washington, D.C. Disponível em <http://pubdocs.worldbank.org/en/992371492706371662/MigrationandDevelopmentBrief27.pdf>.

- 2017b *Remittances to developing countries decline for second consecutive year*. Comunicado de imprensa, Banco Mundial, Washington, D.C. Disponível em www.worldbank.org/en/news/press-release/2017/04/21/remittances-to-developing-countries-decline-for-second-consecutive-year.

* Todos os *hyperlinks* indicados estavam em funcionamento na época da publicação.

- 2018 Migration and Remittances: Recent Developments and Outlook. Migration and Development Brief 30. Banco Mundial, Washington, D.C. Disponível em www.knomad.org/sites/default/files/2018-12/Migration%20and%20Development%20Brief%2030.pdf.
- 2019 Migration and Remittances: Recent Developments and Outlook. Migration and Development Brief 31. Banco Mundial, Washington, D.C. Disponível em www.knomad.org/sites/default/files/2019-04/Migrationanddevelopmentbrief31.pdf.
- n.d.a World Bank Country and Lending Groups. World Bank, Washington, D.C. Disponível em <https://datahelpdesk.worldbank.org/knowledgebase/articles/906519-world-bank-country-and-lending-groups> (acesso em 2 de setembro de 2019).
- n.d.b Dados de Migração e Remessas (atualizados a partir de abril de 2019). Banco Mundial, Washington, D.C. Disponível em www.worldbank.org/en/topic/migrationremittancesdiasporaissues/brief/migration-remittances-data (acesso em 2 de setembro de 2019).
- n.d.c Publicações sobre Migração e Remessas. Banco Mundial, Washington, D.C. Disponível em www.worldbank.org/en/topic/migrationremittancesdiasporaissues/brief/migration-and-remittances-publications.
- Blizzard, B. e J. Batalova
- 2019 Refugees and Asylees in the United States. *Spotlight*, Migration Policy Institute, 13 de junho. Disponível em www.migrationpolicy.org/article/refugees-and-asylees-united-states.
- Brookings Institution e Universidade de Berna
- 2010 *IASC Framework on Durable Solutions for Internally Displaced Persons*. The Brookings Institution, Washington, D.C. Disponível em www.unhcr.org/50f94cd49.pdf.
- Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDMC)
- 2018 Global Report on Internal Displacement. Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDMC), Genebra. Disponível em www.internal-displacement.org/global-report/grid2018/.
- 2019 Global Report on Internal Displacement 2019. Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDMC), Genebra. Disponível em www.internal-displacement.org/global-report/grid2019/.
- n.d. Global Internal Displacement Database. Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDMC), Genebra. Disponível em www.internal-displacement.org/database (acesso em 3 de setembro de 2019).
- Centro para Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS)
- 2019 *Out of the Shadows: Shining a Light on Irregular Migration*. Diretor do projeto: D.F. Runde, autores: E.K. Yayboke e C. Garcia Gallego, Projeto sobre Prosperidade e Desenvolvimento do CSIS, CSIS e Rowman & Littlefield, Washington, D.C., e Lanham. Disponível em https://csis-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/publication/190826_RundeYaybokeGallego_IrregularMigrations.pdf.

- Comitê Executivo do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ExCom ACNUR)
- 2017 *Update on Statelessness*. Documento das Nações Unidas EC/68/SC/CRP.13, 7 de junho. Disponível em www.refworld.org/docid/59a58d724.html.
- de Beer, J., J. Raymer, R. van den Erf e L. van Wissen
- 2010 Overcoming the problems of inconsistent international migration data: A new method applied to flows in Europe. *European Journal of Population*, 6(4):459–481.
- Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DAES das Nações Unidas)
- 1998 *Recommendations on Statistics of International Migration: Revision 1*. Organização das Nações Unidas, Nova York. Disponível em https://unstats.un.org/unsd/publication/seriesm/seriesm_58rev1e.pdf.
- 2002 *International Migration 2002*. Divisão de População, Nova York.
- 2015 *International Migration Flows to and From Selected Countries: The 2015 Revision*. Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DAES das Nações Unidas), Divisão de População. Disponível em www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/empirical2/migrationflows.asp (acesso em 2 de setembro de 2019).
- 2008 *International Migrant Stock: The 2008 Revision*. Organização das Nações Unidas, Nova York. Disponível em <https://esa.un.org/migration/index.asp?panel=1> (acesso em 2 de setembro de 2019).
- 2017a *International Migration Report 2017*. Organização das Nações Unidas, ST/ESA/SER.A/403, dezembro. Disponível em www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2017.pdf.
- 2017b *International Migrant Stock: The 2017 Revision*. Base de dados da Organização das Nações Unidas, POP/DB/MIG/Stock/Rev.2017. Disponível em www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates17.shtml (acesso em 2 de setembro de 2019).
- 2019a *International Migrant Stock 2019*. Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DAES das Nações Unidas), Divisão de População Nova York. Disponível em www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates19.asp (acesso em 18 de setembro de 2019).
- 2019b *International Migration Stock 2019*. Documentação: POP/DB/MIG/Stoc/Rev.2019, Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DAES das Nações Unidas), Divisão de População Nova York. Disponível em www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/docs/MigrationStockDocumentation_2019.pdf.
- 2019c *World Population Prospects 2019. Highlights*. ST/ESA/SER.A/423, Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DAES das Nações Unidas), Divisão de População Nova York. Disponível em https://population.un.org/wpp/Publications/Files/WPP2019_Highlights.pdf.

Departamento de Segurança Nacional dos Estados Unidos

- 2018 DHS announces additional, enhanced security procedures for refugees seeking resettlement in the United States. Comunicado de Imprensa, 31 de janeiro. Disponível em www.dhs.gov/news/2018/01/29/dhs-announces-additional-enhanced-security-procedures-refugees-seeking-resettlement.

Fertig, M. e C. Schmidt

- 2001 First and second-generation migrants in Germany – What do we know and what do people think? IZA Discussion Papers, 286:1–48.

Gallagher, A. e M. McAuliffe

- 2016 South-East Asia and Australia. Em: *Migrant Smuggling Data and Research: A Global Review of the Emerging Evidence Base* (M. McAuliffe e F. Laczko, eds.). Organização Internacional para as Migrações, Genebra. Disponível em https://publications.iom.int/system/files/smuggling_report.pdf.

Gordon, I., K. Scanlon, T. Travers e C. Whitehead

- 2009 Economic Impact on London and the UK of an Earned Regularization of Irregular Migrants in the UK. Greater London Authority, Londres. Disponível em www.london.gov.uk/sites/default/files/gla_migrate_files_destination/irregular-migrants-report.pdf.

Instituto sobre Apatridia e Inclusão (ISI)

- 2014 *The World's Stateless*. Wolf Legal Publishers, Oisterwijk. Disponível em www.institutesi.org/worldsstateless.pdf.
- 2018 *Statelessness in Numbers: 2018. An Overview and Analysis of Global Statistics*. Disponível em www.institutesi.org/ISI_statistics_analysis_2018.pdf.

Koser, K.

- 2010 Dimensions and dynamics of irregular migration. *Population, Space and Place*, 16(3):181–193.

Kyaw, N.N.

- 2017 Unpacking the presumed statelessness of Rohingyas. *Journal of Immigrant and Refugee Studies*, 15(3):269–286.

Laczko, F.

- 2017 Improving data on migration: A 10-point plan. *Migration Policy Practice*, 7:1, janeiro - março. Disponível em <https://publications.iom.int/fr/books/migration-policy-practice-vol-vii-number-1-january-march-2017>.

McAuliffe, M.

- 2018 The nexus between forced and irregular migration: Insights from demography. Em: *The Demography of Refugee and Forced Migration* (G. Hugo, J. Abbasi-Shavazi e E.P. Kraly, eds.). Springer, Cham, Suíça.

Neto, F.

- 1995 Predictors of satisfaction with life among second generation migrants. *Social Indicators Research*, 35(1):93–116.

Organização das Nações Unidas

- 1954 Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas. United Nations Treaty Series, 360:117, 28 de setembro. Entrada em vigor em 6 de junho de 1960.

Organização Internacional do Trabalho (OIT)

- 2018 *ILO Global Estimates on International Migrant Workers – Results and Methodology*. Segunda edição Organização Internacional do Trabalho (OIT), Genebra. Disponível em www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_652001.pdf.

- n.d. Arab States: Labour Migration. Disponível em www.ilo.org/beirut/areasofwork/labour-migration/lang--en/index.htm.

Organização Internacional para as Migrações (OIM)

- 2000 *World Migration Report 2000*. Organização Internacional para as Migrações (OIM), Genebra. Disponível em <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2000>.

- 2003 *World Migration Report 2003: Managing Migration Challenges and Responses for People on the Move*. Organização Internacional para as Migrações (OIM), Genebra. Disponível em <http://publications.iom.int/books/world-migration-report-2003-managing-migration>.

- 2019a *2018 Return and Reintegration Key Highlights*. Organização Internacional para as Migrações (OIM), Genebra. Disponível em www.iom.int/sites/default/files/our_work/DMM/AVRR/2018_return_and_reintegration_key_highlights.pdf.

- 2019b *Glossary on Migration*. Direito Internacional da Migração, nº 34, Organização Internacional para as Migrações (OIM), Genebra. Disponível em www.iom.int/glossary-migration-2019.

- n.d. *Latest Global Figures: Missing Migrants Project: Tracking Deaths Along Migratory Routes*. Organização Internacional para as Migrações (OIM), Genebra. Disponível em <https://missingmigrants.iom.int/>.

Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE)

- 2018 *International Migration Outlook 2018*. OECD Publishing, Paris. Disponível em www.oecd-ilibrary.org/social-issues-migration-health/international-migration-outlook-2018_migr_outlook-2018-en.

- n.d.a Base de Dados de Migração Internacional OECD Data, Paris. Disponível em <https://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=MIG> (acesso em 2 de setembro de 2019).

- n.d.b Emprego para Estrangeiros. OECD Data, Paris. Disponível em <https://data.oecd.org/migration/foreign-born-employment.htm> (acesso em 2 de setembro de 2019).

- n.d.c Rede ODA. OECD Data, Paris. Disponível em <https://data.oecd.org/oda/net-oda.htm> (acesso em 3 de setembro de 2019).

Poulain, M. e N. Perrin

- 2001 Is the measurement of international migration flows improving in Europe. Working Paper n° 12. Joint ECE-EUROSTAT Work Session on Migration Statistics organized in cooperation with the UN Statistics Division. Comissão Estatística das Nações Unidas e Comissão Econômica das Nações Unidas para a Europa (Eurostat). Genebra, 21-23 de maio.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)

- 2009 Human Development Report 2009. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Nova York. Disponível em www.hdr.undp.org/sites/default/files/reports/269/hdr_2009_en_complete.pdf.

Radford, J. e P. Connor

- 2019 Canada now leads the world in refugee resettlement, surpassing the U.S., Pew Research Center, Factank, *News in the Numbers*, 19 de junho Disponível em www.pewresearch.org/fact-tank/2019/06/19/canada-now-leads-the-world-in-refugee-resettlement-surpassing-the-u-s/.

Skeldon, R.

- 2018 *International Migration, Internal Migration, Mobility and Urbanization: Towards More Integrated Approaches*. Migration Research Series, n° 53. Organização Internacional para as Migrações (OIM), Genebra. Disponível em <https://publications.iom.int/books/mrs-no-53-international-migration-internal-migration-mobility>.

Van Waas, L.

- 2013 Reflections on Thailand (1): A protracted and neglected situation of statelessness. Weblog Statelessness Programme, Tilburg University. Disponível em <http://statelessprog.blogspot.com/2013/02/reflections-on-thailand-1-protracted.html>.

Venkov, J.

- 2018 *Not just a simple twist of fate: statelessness in Lithuania and Latvia*. European Network on Statelessness. Disponível em www.statelessness.eu/blog/not-just-simple-twist-fate-statelessness-lithuania-and-latvia.

